

Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos - Vila Franca de Xira

JOÃO PIMENTA¹ MUSEU MUNICIPAL VILA FRANCA DE XIRA/UNIARQ

VINCENZO SORÍA² BOLSEIRO FCT/ UNIARQ

HENRIQUE MENDES³ MUSEU MUNICIPAL VILA FRANCA DE XIRA/UNIARQ

Resumo:

Com o presente trabalho pretende-se apresentar os já extensos conjuntos de cerâmica de verniz negro da península Itálica, assim como as suas imitações em produções de pasta cinzenta, convencionalmente atribuídas ao âmbito peninsular, recolhidos nas 6 campanhas de escavação arqueológica efetuadas em Monte dos Castelinhos até ao momento.

Esta investigação insere-se no projeto de estudo “Monte dos Castelinhos: Povoamento e dinâmicas de ocupação em época romana republicana no vale do Tejo” dirigido por um de nós (J.P.). Com esta publicação pretende-se dar início ao estudo dos diversos grupos de materiais recolhidos inserindo-os dentro da estratigrafia e faseamento do sítio, e tendo uma atenção particular na sua distribuição espacial dentro do conjunto arquitetónico identificado.

Summary:

The present work aims to present the already extensive sets of Campanian ware of the Italian peninsula, as well as their imitations in productions of gray ware, conventionally attributed to peninsular context, collected in 6 campaigns of archaeological excavation carried out at the Monte dos Castelinhos.

This research is part of the research study “Mountain of Castelinhos: Settlement dynamics and Republican Roman occupation in the Tagus Valley” directed by one of us (JP). This publication is intended to initiate the study of diverse groups of materials collected by inserting them into the stratigraphy and phasing of the site, and having a particular focus on their spatial distribution within the architectural complex.

1. Enquadramento do projeto

O sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos ocupa um extenso morro calcário sobranceiro à antiga foz do rio Grande da Pipa, na freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, (Figura 1).

Esta extensa estação, com mais de 10 hectares, encontra-se numa área de portela de ligação natural entre as margens do Tejo e o interior da Península de Lisboa, através do Vale do Rio Grande da Pipa.

As características da sua implantação, com ampla visibilidade, e defensibilidade natural levam a que a sua localização assuma uma posição geoestratégia de controlo de uma zona de fronteira natural. Em frente a Castelinhos encontra-se uma extensa zona de alagadiça onde correm três importantes linhas de água subsidiárias do Tejo, o rio Grande da Pipa, o rio de Alenquer e o rio da Ota.

Sendo conhecidas desde há mais de cem anos, referências à existência de ocupações antigas, estas nunca foram devidamente investigadas resumindo-se a alguns achados isolados e a prospeções de superfície (Pimenta, Mendes e Norton, 2008).

As escavações que o Museu Municipal de Vila Franca de Xira tem desenvolvido no local desde 2008, inserem-se no âmbito de um projeto plurianual de pesquisa do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, aprovado pela Direção Geral de Património e Cultura (DGPC), e denominado “Monte dos Castelinhos: Povoamento e dinâmicas de ocupação em época romana republicana no vale do Tejo” (Pimenta, 2013).

2. Contextualização do sítio



Figura 1
Localização do Monte dos Castelinhos na península Ibérica em geral e no vale do Tejo em particular, com a localização dos dois principais núcleos urbanos

Tendo em conta os resultados dos trabalhos de prospeção, abriram-se seis áreas de sondagem em distintos pontos do sítio arqueológico. Estas tiveram objetivos específicos correlacionados quer com a perceção do sistema defensivo (Sondagem 1, 2 e 6), quer com a obtenção de leituras estratigráficas (Sondagem 3, 4 e 5).

A área colocada a descoberto até ao momento, revelou um notável conjunto urbano de época romana datado do século I a.C., composto por vários edifícios e áreas de circulação obedecendo a um plano predefinido de cariz ortogonal.

O esforço para implantação deste urbanismo é significativo, visto estarmos em grande parte da área perante uma encosta com forte pendente. Para vencer este desnível os diversos compartimentos foram construídos em socalcos sucessivos, tendo os níveis calcários de base sido escavados para o efeito.

Não podemos deixar de sublinhar que o discurso sobre este sítio se encontra em processo de construção, não sendo ainda de todo claro que o estabelecimento é este (Pimenta e Mendes, 2014).

O primeiro ponto que nos parece relevante é de que podemos afirmar categoricamente a ausência de quaisquer níveis pré-existentes.

Temos assim, evidências consistentes da construção de raiz, em meados do século I a.C., de um estabelecimento de dimensões consideráveis, mais de 10 hectares, numa área de grande valor estratégico e implantado de forma equidistante em relação aos dois principais núcleos habitacionais do vale do Tejo, as cidades de *Olisipo* e *Scallabis* (ver figura 1).

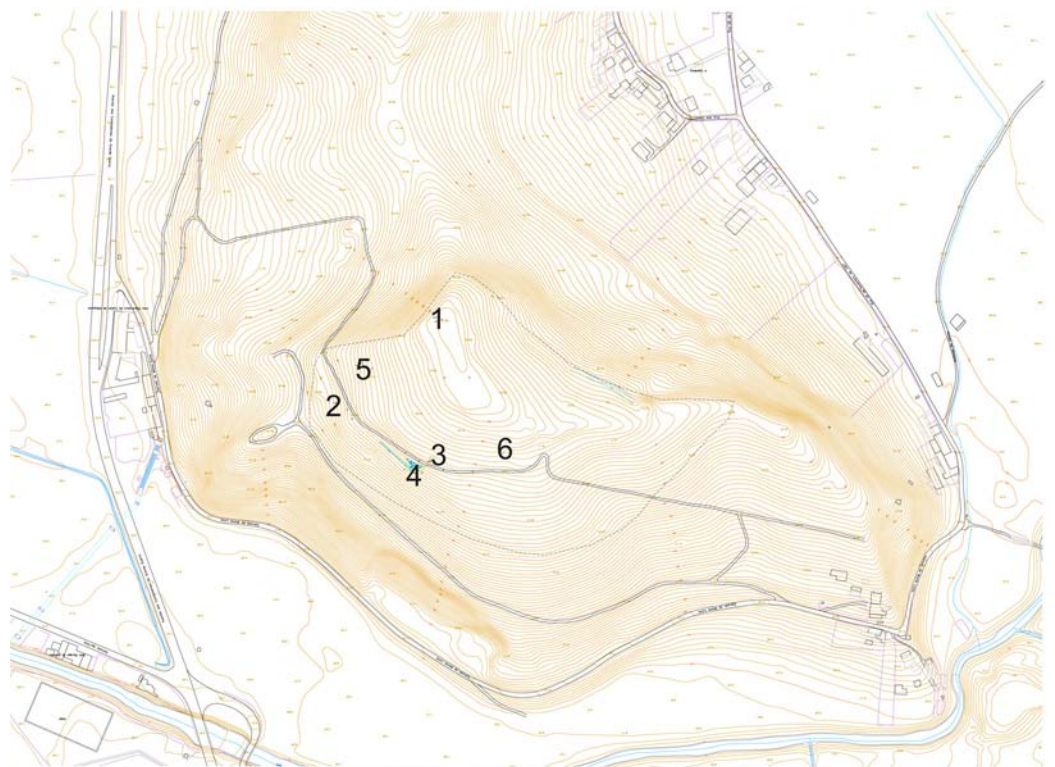
Figura 2
Localização do Monte
dos Castelinhos na
Carta Militar de Vila
Franca de Xira 1:
25.000, Folha n.º 390.



Face às consistentes evidências estratigráficas e estruturais constata-se que apenas alguns anos (no máximo uma a duas décadas) depois da edificação deste estabelecimento se assiste à sua brusca destruição resultante de um conflito bélico.

Este cenário levanta um amplo quadro de questões que nos encontramos a tentar clarificar e que se prendem com a interpretação da funcionalidade e relevância deste sítio arqueológico.

Figura3
Levantamento
topográfico do Monte
dos Castelinhos com a
localização das áreas
de sondagem.



Perante estes dados é plausível que o sítio tenha sido alvo de uma destruição bélica. Face ao seu enquadramento cronológico, este episódio pode ser correlacionada com os conflitos entre os partidários de César e Pompeio na Ulterior resultante da instabilidade reinante no ocidente durante este período (Fabião, 1998).

Apesar de destruído, alguns dados, permitem afirmar que o sítio de Monte dos Castelinhos não é total nem definitivamente abandonado. As áreas destruídas não voltam a ser reedificadas. Porém numa das ruas, assiste-se a uma repavimentação já de época Augustana e verificou-se na última campanha uma clara reutilização e reocupação de um dos compartimentos da sondagem n.º 5. Estes elementos, assim como a presença de *Terra Sigillata* Itálica, Gálica e mesmo Hispânica nos níveis de superfície indica-nos uma continuidade do sítio que aparentemente se estende até época Flávia (Silva, 2012, p. 505-506). Infelizmente as sondagens até ao momento realizadas ainda não permitiram definir de uma forma contundente níveis desta fase Alto Imperial.

3. Identificação das produções

O conjunto objeto de estudo é caracterizado por dois macro grupos artefactuais: que se referem o primeiro às produções em verniz negro da colónia latina de Cales (Campânia setentrional) e o segundo às produções a pasta cinzenta, convencionalmente atribuídas ao âmbito peninsular, que imitam os protótipos em verniz negro de produção itálica⁴.



Grupo 1



Grupo 2

Figura 4
Fotografia das
produções em pasta
cinzenta.

A produção calena é reconhecível pela pasta calcária de tonalidade rosácea com presença de mica e outras pequenas inclusões; o revestimento é composto por um verniz negro-acastanhado apresentando-se opaco ou com reflexos metálicos. Destaca-se também que a aplicação sumária do composto para o revestimento, produziu uma cobertura parcial de algumas peças; as tonalidades avermelhadas visíveis sobretudo nos fundos exteriores e interiores das peças são o resultado da disposição destas na câmara de cozedura do forno (empilhamento).

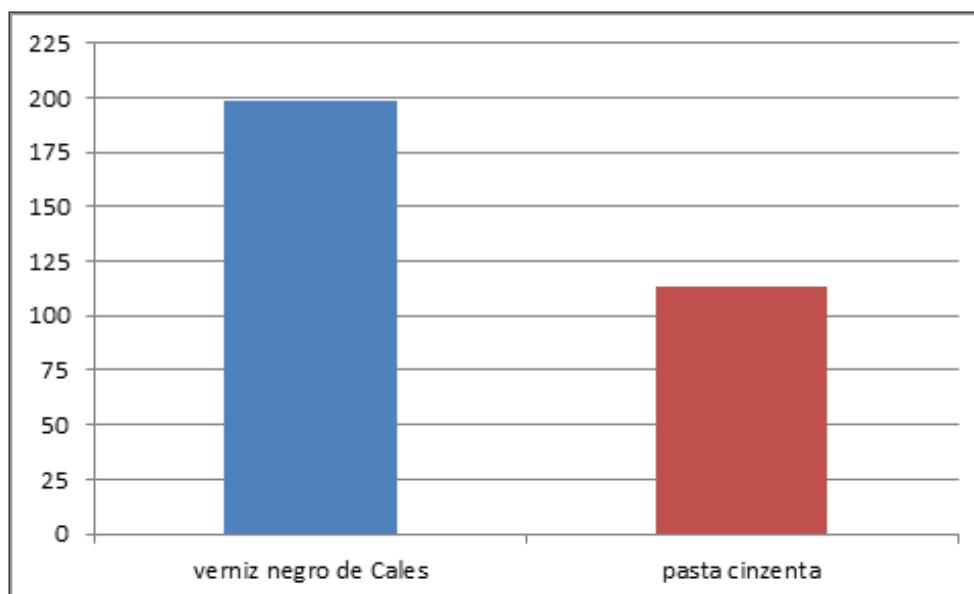
Através da análise das diferenças composicionais das pastas foi possível identificar dois grupos no âmbito das produções em pasta cinzenta encontradas em Monte dos Castelinhos (figura 4). A presença de revestimento não foi portanto uma das variáveis que contribuiu ao reconhecimento dos grupos, porque a maioria das peças só apresentavam pequenos vestígios, devido a fenómenos tafonómicos. Segue-se a descrição detalhada dos elementos caracterizantes os dois grupos reconhecidos:

Grupo 1= Pasta: M. 2.5Y 7/1 (light gray). Calcária, pulverulenta, muito depurada com altas percentagens de presença de mica e inclusões orgânicas de médias e grandes dimensões. Revestimento: quase totalmente ausente; só parecem pequenos vestígios dum engobe cinzento fosco pouco aderente ao corpo cerâmico.

Grupo 2= Pasta: M. 10YR 5/2-4/2 (grayish brown). Calcária, presença de inclusões de pequenas e médias dimensões brancas; baixas percentagens de mica; presença de inclusões orgânicas reconhecidas pela presença de vacúolos. Revestimento: engobe fosco bem aderente.

Não obstante esta subdivisão, considerar-se-ão os dois grupos em conjunto devido às características técnicas similares e à falta de confirmações arqueométricas para justificar a análise dos dois grupos separadamente.

Figura 5
Gráfico N.º de fragmentos por fabrico.



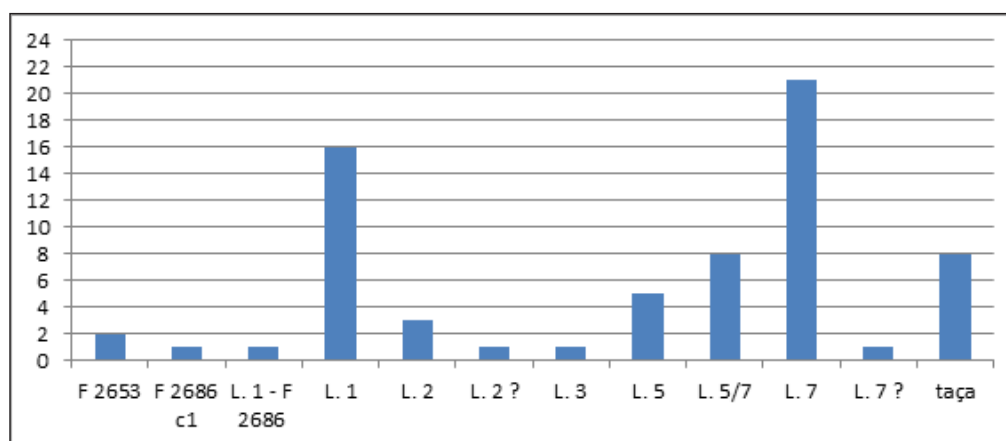
4.1 Análise estadística geral do conjunto

O conjunto exumado durante as campanhas de escavação 2008-2013 e objeto do presente estudo é de 312 fragmentos.

4.1.1 Cerâmicas de verniz negro de Cales

Este conjunto é composto por 199 fragmentos, representando 64% da totalidade do conjunto. Destes foi possível identificar 68 indivíduos tendo como discriminante a identificação dos bordos. As formas mais representadas são os pratos Lamb. 7 e as taças Lamb. 1, correspondendo respetivamente a 21 e 16 exemplares.

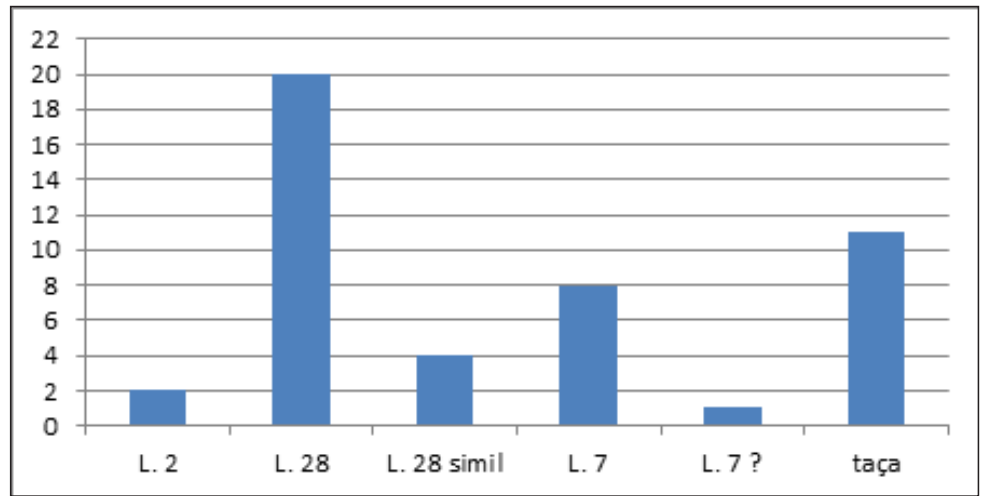
Figura 6
Cerâmica de verniz negro de Cales: contabilização dos bordos.



4.1.2 Produção em pasta cinzenta

Neste conjunto contabilizaram-se 113 fragmentos, que representam 36% da totalidade do conjunto. Foram identificados 46 indivíduos. As taças Lamb. 28 encontram-se atestadas com 20 indivíduos e a categoria funcional de “taças” com 11, sendo as formas mais frequentes. Enquanto os pratos Lamb. 7 correspondem a 9 exemplares.

Figura 7
Cerâmica
pasta cinzenta:
contabilização dos
bordos.



4.2 Análise contextual

Decorrente da análise estratigráfica e da dinâmica do urbanismo é possível individuar 3 fases distintas de cronologia romana republicana em Monte dos Castelinhos (Pimenta e Mendes, 2013). Esta situação permite uma análise pormenorizada do enquadramento contextual do conjunto em estudo.

Figura 8
Planta interpretativa
da última fase de
ocupação detetada
nas áreas de
Sondagem 3 e 4 - Fase
2.



Fase 1 – Corresponde à primeira fase identificada, assentando diretamente sobre os níveis de base calcários. A sua identificação é ainda muito parcial, resultando das leituras estratigráficas que efetuámos em profundidade no interior dos compartimentos de época romana republicana da Fase 2.

No interior dos Ambientes 5, 6, 7, 9 e 10 detetou-se estruturas pétreas pré-existentes de construção cuidada, que foram destruídas e desmanteladas para a construção do urbanismo

da Fase 2. Estas estruturas correspondem a dois compartimentos de tendência retangular, que utilizam o nível geológico como pavimento.

Qual a cronologia desta fase? É de momento uma incógnita. Os níveis associados a estas estruturas são já de meados do século I a.C., mas dificilmente recuam muito. Entenda-se, não diferem grande coisa dos níveis associados à construção e abandono brusco do conjunto urbanístico de matriz ortogonal que lhe sucede.

Estes caracterizam-se pela presença de cerâmica comum predominando os contentores de armazenamento de bordo moldurado e base com reforço externo; presença de cerâmica comum importada do sul peninsular; paredes finas itálicas; ânforas Itálicas do Tipo Dressel 1C; ânforas hispânicas de morfologia ovóide do vale do Guadalquivir, e da área da baía de Cádis, ovóides Gaditanas e Mañà C2b. A nível do espólio metálico destaca-se a presença de um numisma de cunhagem hispânico, correspondendo a uma cunhagem da antiga cidade Ibérica de KELSE. Tendo em conta a iconografia, o exemplar exumado em Castelinhos parece corresponder a uma cunhagem posterior a 133 a.C.

A importância destes níveis, têm que ser matizada, eles de facto não datam as estruturas, mas sim o seu abandono. Qual a cronologia da sua construção/ocupação é de momento uma incógnita.

Fase 2 – Corresponde ao momento de construção e edificação de um conjunto arquitetónico regular traduzindo um urbanismo de matriz ortogonal com um elevados padrões de romanização (Pimenta, 2013a).

Os níveis da fase anterior foram desmantelados e aterrados, sendo sobrepostos pelo novo desenho urbano, contudo temos que referir que os alinhamentos são análogos.

Nestes níveis de aterro e de regularização para a construção dos pavimentos dos novos edifícios, o espólio é abundante. Sendo constituído por diversos elementos de cerâmica de construção (*tegulae*), cerâmica comum do sul peninsular, paredes finas itálicas, cerâmica verniz negro caleno, fragmentos de almofariz importados da forma 2 de Santarém. Entre as ânforas surgem importações do sul peninsular, nomeadamente ânforas Ovóides Gaditanas e ânforas da Classe 67 do Guadalquivir.

Importa sublinhar que o espólio cerâmico apresenta-se em tudo idêntico ao detetado nos níveis de abandono/destruição (Fase 3). Entenda-se, o estudo das cerâmicas importadas identificadas, nomeadamente a cerâmica verniz negro caleno, a cerâmica de paredes finas, e as ânforas, leva-nos a sublinhar a uniformidade do espólio e das suas associações formais remetendo-nos para cronologias muito próximas das avançadas para a fase de abandono. A nível do espólio metálico destaca-se a presença de um numisma de cunhagem hispânico, correspondendo a uma cunhagem da antiga cidade de Castulo. Estaremos assim perante um curto espaço de ocupação deste conjunto urbano.

Fase 3 – Corresponde ao momento de abandono/destruição deste espaço. O estudo do espólio exumado, nos diversos níveis associados a esta fase permitem afirmar que este sector do povoado foi alvo de um abandono brusco e sincrónico, pouco tempo depois de ter sido edificado. A escavação destes níveis permitiu identificar diversos elementos de armamento militar itálico compatíveis com um cenário bélico. Entre os materiais identifica-se glandes de chumbo, uma ponta de lança - *pilum*, duas balas de catapulta em arenito, e um invulgar escudo romano – *scutum* (Pimenta, 2013b, Guerra e Pimenta, 2013).

O estudo das cerâmicas importadas, nomeadamente os serviços de mesa de verniz negro

itálico, os delicados copos e taças de paredes finas, as lucernas, as ânforas e a cerâmica comum, leva-nos a sublinhar a homogeneidade do espólio exumado e das suas associações formais. A presença de paredes finas encontra-se particularmente bem atestada, com produções itálicas das formas 2, 3 e 8 C de Mayet, com cronologias seguras entre os inícios do século I a.C. até Augusto. As lucernas, apesar de muito fragmentadas, encontram-se presentes em praticamente todos os compartimentos e áreas de circulação. Do ponto de vista tipológico coexistem formas de tradição helenística com lucernas Itálicas do tipo Dressel/Lamboglia 2.

O conjunto de ânforas romanas, identificado nestes níveis é assaz relevante e significativo. Não sendo aqui o lugar de apresentar o já extenso conjunto, importa reter em linhas gerais o panorama das importações. O abastecimento de produtos alimentares em ânforas é dominado esmagadoramente pelas importações meridionais provenientes do vale do Guadalquivir. As ânforas documentadas evidenciam uma grande variedade morfológica indo de encontro ao quadro tipológico recentemente proposto por Rui Almeida (2008). Encontram-se presentes praticamente todos os tipos sistematizados, evidenciando um claro panorama de importações centrado entre o fim do segundo e meados do terceiro quartel do século I a.C. Entre as ânforas com esta proveniência, destaca-se a presença de ânforas da Classe 67, Haltern 70 e os contentores da forma Ovóide 4.

Completando este quadro de importações do sul peninsular, surgem-nos diversas ânforas destinadas ao transporte dos preparados piscícolas da área de Cádiz. Estão presentes as ânforas ovóides Gaditanas, assim como os primeiros modelos das formas Dressel 7/11. Por último as ânforas de produção regionais, provenientes do vale do Tejo/Sado, encontram-se já representadas no momento de abandono/destruição do sítio (Pimenta, 2014). Do ponto de vista da cronologia, a ausência de ânforas Itálicas, é um dado a ter em conta. De fato, o abrandamento e mesmo a diminuição brutal da importação das ânforas vinárias itálicas do tipo Dressel 1, encontra-se bem datado para a Gália, sendo claro aí que as ânforas itálicas presentes em contextos da segunda metade do século I a.C. são residuais e que as importações destes contentores abrandam rapidamente cerca de 40 a.C.

Identificou-se ainda um interessante conjunto de metais, que se encontra em fase de tratamento e restauro para poder ser estudado, dos quais se destaca uma série elementos de baixela tardo republicana em bronze como uma asa do tipo *Piatra Neamt*, uma asa de *simpulum* assim como diversos numismas de cunhagem hispânica da *Ulterior*.

Para a questão da cronologia, interessa ainda referir, a descoberta de um conjunto de fíbulas em bronze das quais foi possível classificar três exemplares de fíbula Alésia Pré-Aucissa com cronologias entre os meados do século I a.C. e Augusto e uma fíbula em ómega, que sendo comum em contextos do século I a.C. evidencia porém uma lata cronologia até meados do século III d.C.

O maior número de fragmentos de verniz negro Itálico e imitações em pasta cinzenta provem precisamente da fase 3, o que não será de estranhar visto ser a que tem maior número de contextos escavados até ao momento.

A análise quantitativa e distributiva das produções e das formas por fases tem assim esta condicionante. Não obstante esta limitação à partida, a presença/ausência de determinadas formas e produções por fase remete-nos para um repertório homogéneo, confirmando as hipóteses iniciais de estarmos perante um conjunto utilizado num curto lapso de tempo.

	Fase 1	Fase 2	Fase 3
verniz negro de Cales	L. 1; L. 28 /F 2653; L. 3	L. 1; L. 5; 5/7	L. 1, L. 2 losango, L. 3, L. 5, L. 5/7 losango; L. 7
imitação verniz negro	ausente	L. 28/ F 2653	L. 28/ F 2653; L. 7
paredes finas	ausente	itálicas	2, 3 e 8 C itálicas
ânforas	Dr. 1C itálica; ovóides do Guadalquivir e da baía de Cádiz	ovóides gadi-tanas; LC67 Guadalquivir; Ovóide 4, Mañã C2B	LC67 Guadalquivir; Ovóide 4 Guadalquivir; Haltern 70 do Guadalquivir; Dressel 7/11 Gadi-tana; produções do Tejo/Sado
cerâmica comun	importações do sul peninsular	importações do sul peninsular; almofariz tipo 2 Santarém	importações do sul peninsular
numismas	cunhagem de Kelse	cunhagens hispánicas da Ulterior nomeadamente um exemplar de Castulo	cunhagens hispánicas da Ulterior
cerâmica de construção	<i>tegulae</i>	<i>tegulae</i>	<i>tegulae</i>
metais	pregos em ferro	Fíbulas	glandes; <i>pilum</i> ; <i>scutum</i> ; asa do tipo Piatra Neamt; <i>simpulum</i> ; fíbulas Alésia Pré-Aucissa
lucernas	ausente	ausente	Dressel 2 itálica
elementos de produção textil	pesos de tear	pesos de tear	pesos de tear

Figura 9
Tabela das associações de materiais por fases.

4.2.1 Análise quantitativa por fases:

O estudo dos contextos permitiu isolar um total de 144 fragmentos recolhidos em níveis associados ao faseamento do sítio. Entre estes 100 correspondem a verniz negro de produção calena (69 %) e 44 a imitações em pasta cinzenta (31%).

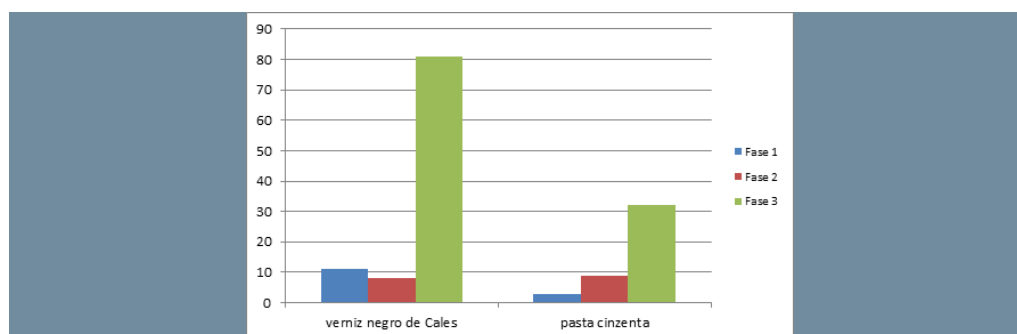


Figura 10
Gráfico N.º de fragmentos por fases.

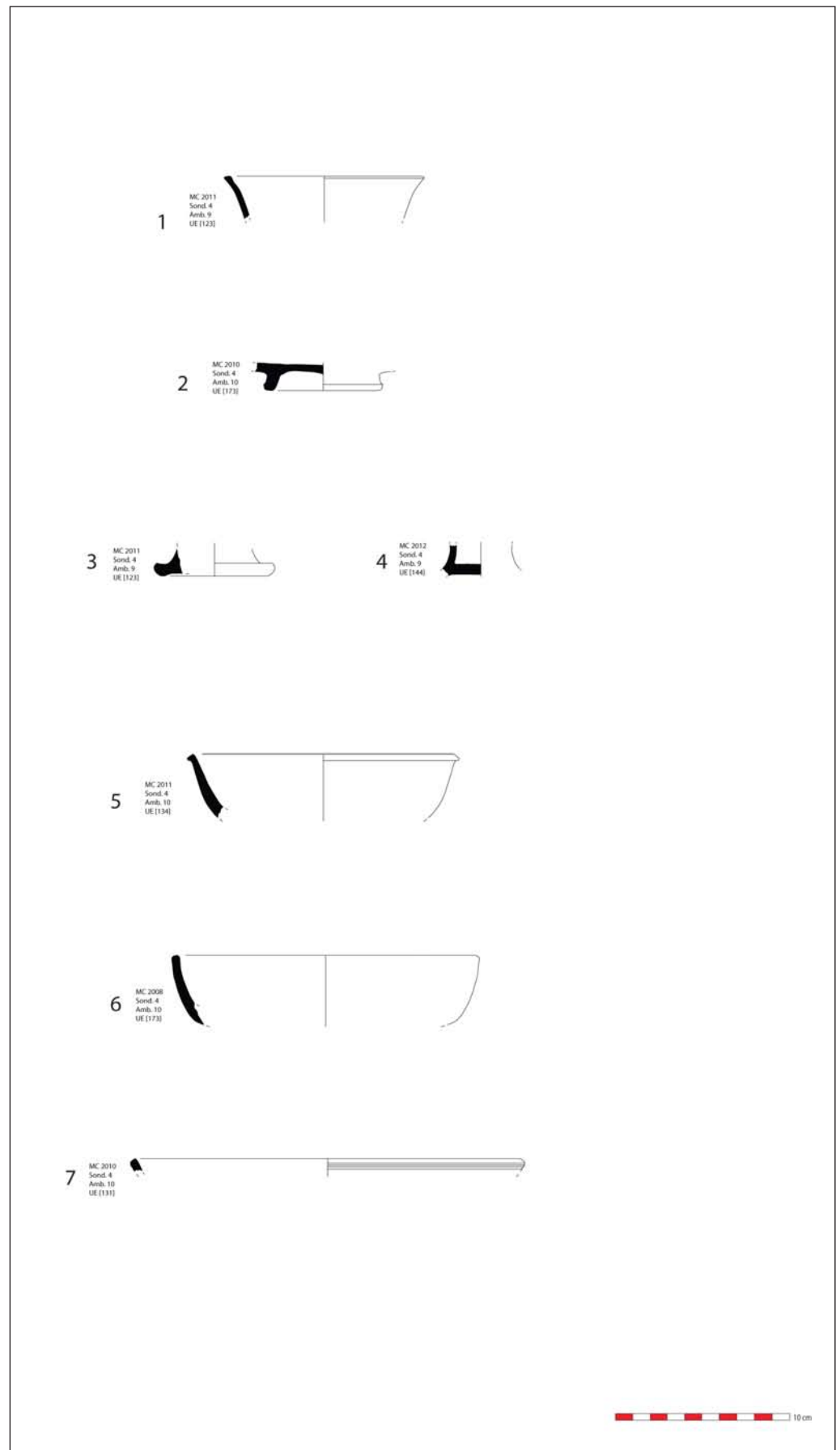
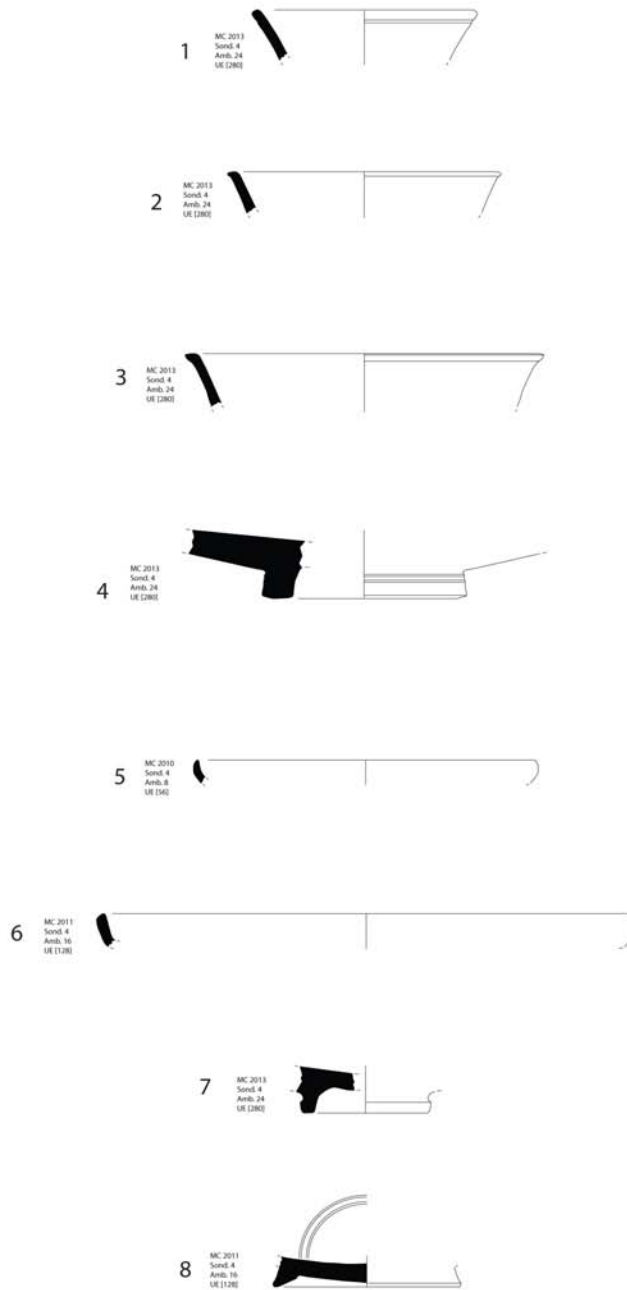


Figura 11
Conjunto de produção
em pasta cinzenta e
verniz negro caleno
da Fase 1: n.º 1 “taça”
em pasta cinzenta,
n.º 2 fundo em pasta
cinzenta, n.º 3 e 4
pyxides Lamb. 3, n.º 5
taça Lamb. 1-F. 2653
de Morel, n.º 6 “taça”,
n.º 7 taça Lamb. 1.



10cm

Figura 12

Figura 12 - Conjunto de produção em pasta cinzenta e verniz negro caleno da Fase 2: n.º 1 “taça” em pasta cinzenta, n.º 2 e 3 taça Lamb. 28 em pasta cinzenta, n.º 4 prato Lamb. 7 em pasta cinzenta, n.º 5 prato Lamb. 5 caleno, n.º 6 prato Lamb. 7, n.º 7 fundo caleno, n.º 8 fundo de taça Lamb. 1 caleno.

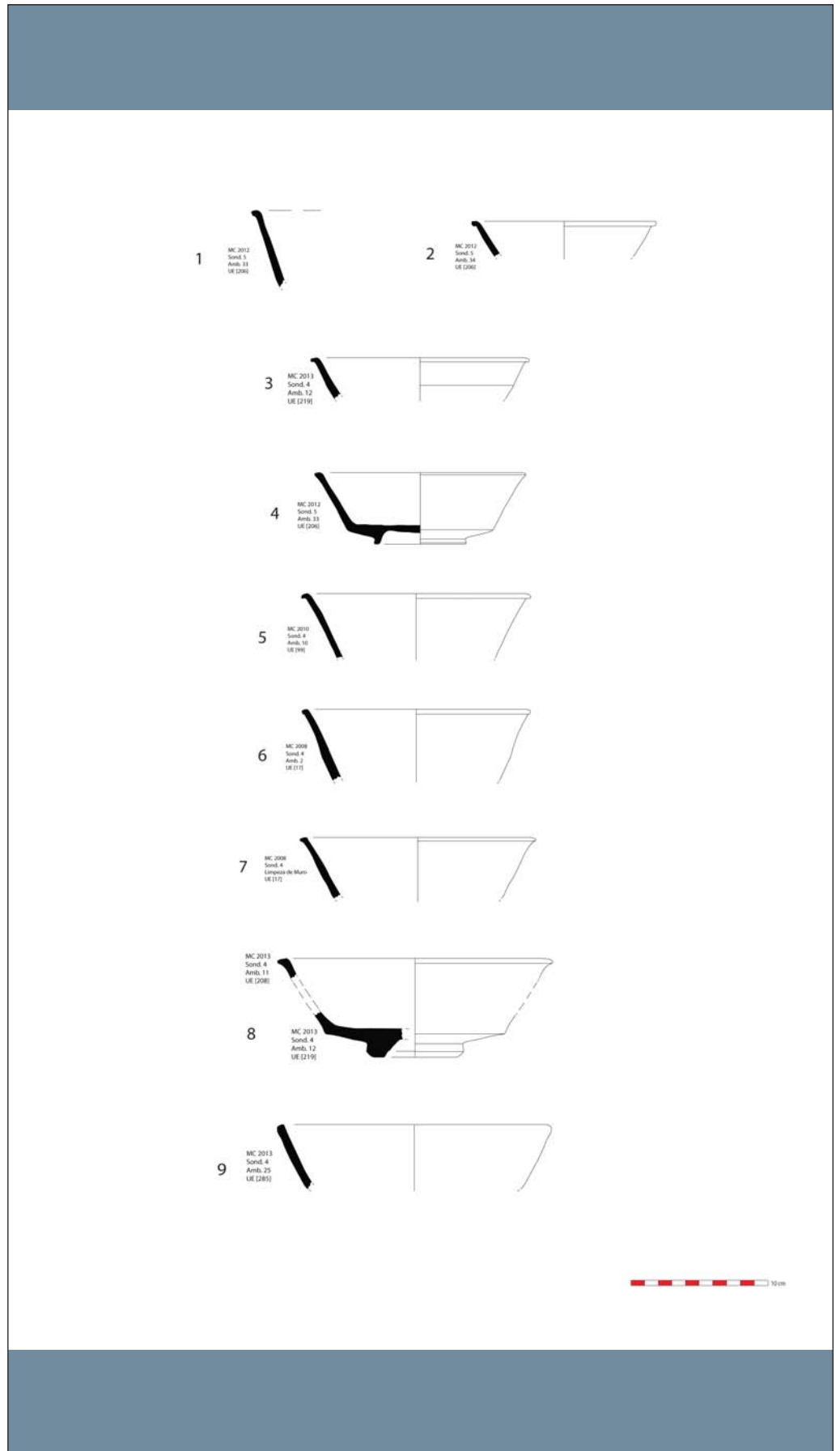


Figura 13
 Conjunto de produção
 em pasta cinzenta da
 Fase 3: n.º 1-8 taças
 Lamb. 28, n.º 9 taça
 Lamb. 28 simil.

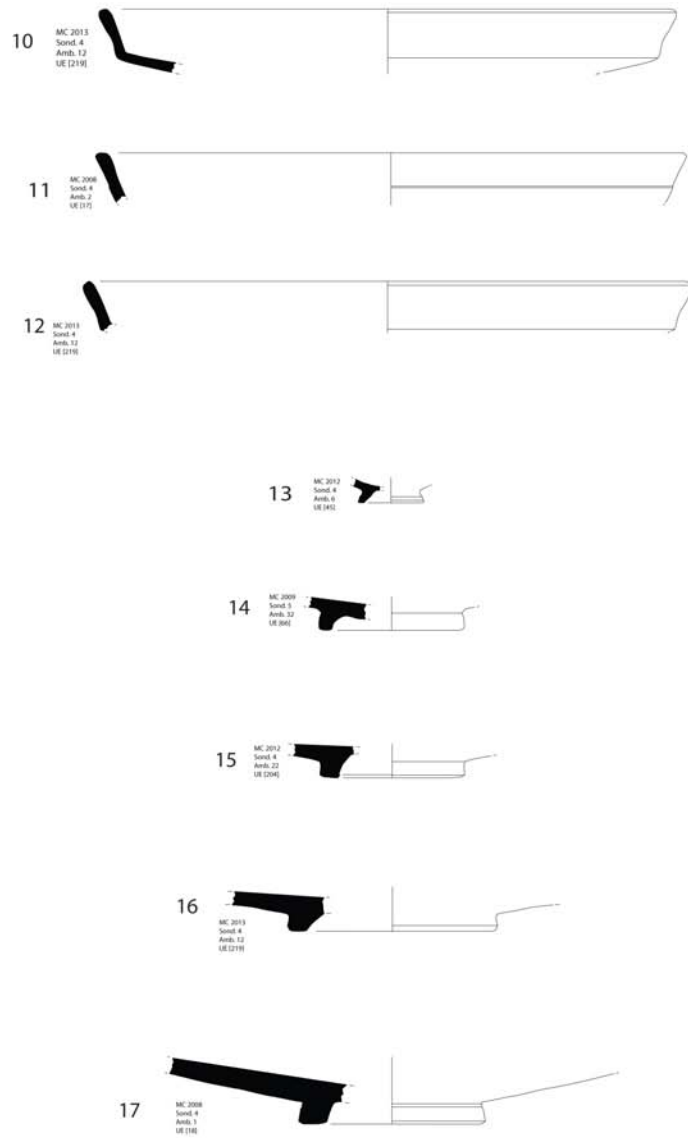


Figura 14
Conjunto de produção
em pasta cinzenta
da Fase 3: n.º 10-12
pratos Lamb. 7, n.º
13 fundo de “taça”,
n.º 14-17 fundos de
pratos Lamb. 7.

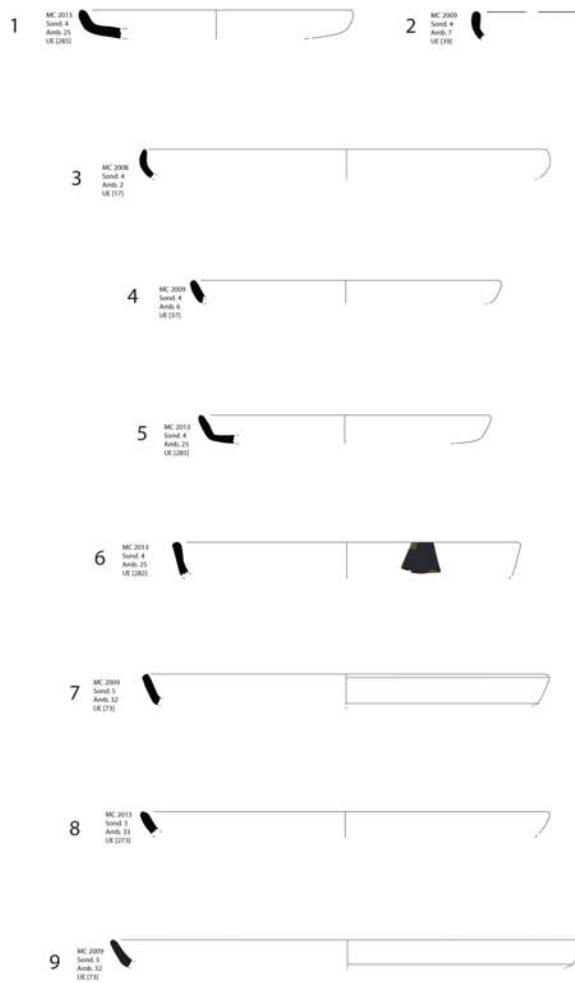


Figura 15
 Conjunto de verniz
 negro de Cales da Fase
 3: n.º 1-3 pratos Lamb.
 5, n.º 4 prato Lamb.
 5/7, n.º 5-9 pratos
 Lamb. 7.



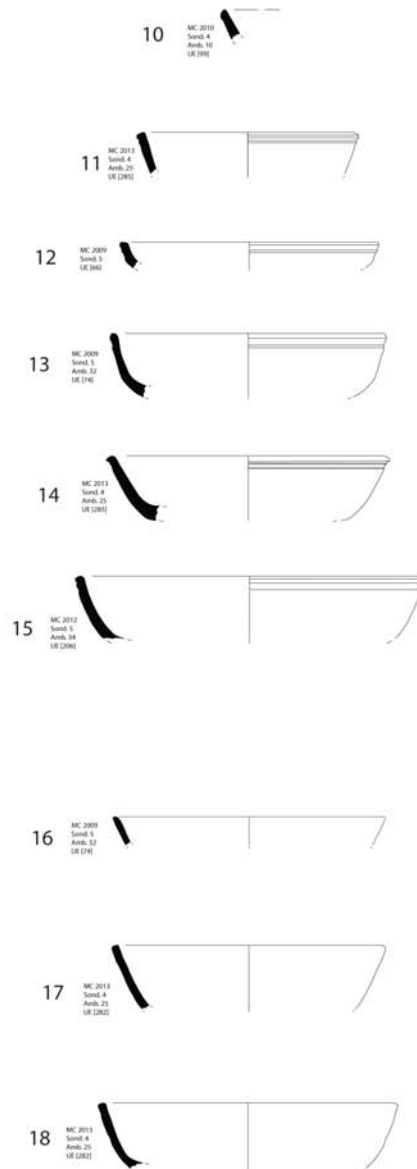


Figura 16
 Conjunto de verniz
 negro de Cales da Fase
 3: n.º 10-15 taça Lamb.
 1, n.º 16-18 “taças”.

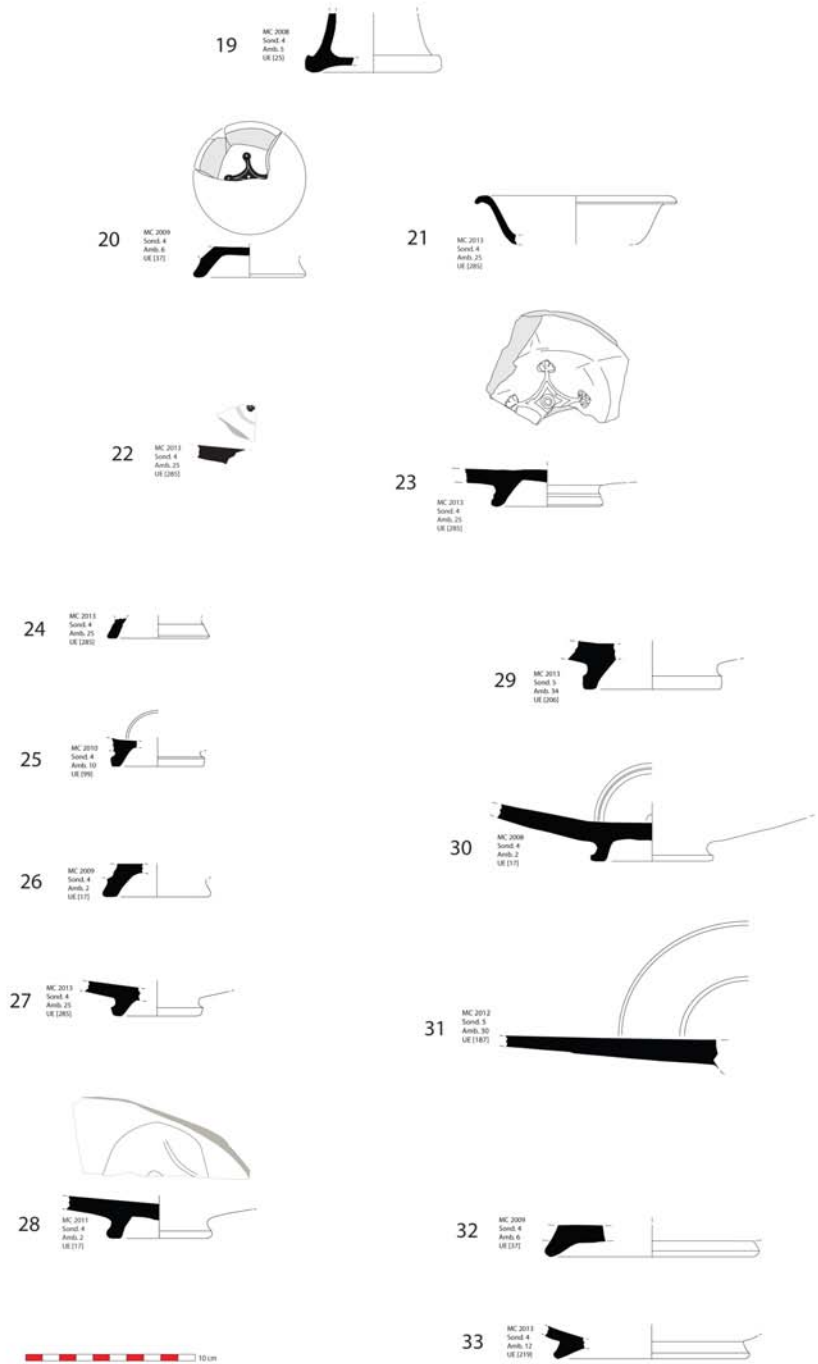


Figura 17
 Conjunto de verniz negro de Cales da Fase 3: n.º19 pyxis Lamb. 3, n.º 20 pyxis Lamb. 2 com losango, n. 21 pyxis Lamb. 2, n.º 22 frag. com losango, n. 23 pyxis Lamb. 2 com losango, n.º 24-31 fundos de pratos Lamb. 5/7 (n.º 28 com vestígio de losango), n.º 32-33 fundos de taça Lamb. 1.

Na fase 1 foi possível identificar 14 fragmentos dos quais 11 calenos e 3 de pasta cinzenta. As formas pertencentes ao primeiro grupo correspondem às taças Lamb. 1 e Lamb. 28 /F. 2653 de Morel e à *pyxis* Lamb. 3, enquanto ao segundo grupo pertence uma “taça” de forma indeterminada.

A fase 2 é caracterizada quase pelo mesmo número de fragmentos, em relação à fase anterior (17) embora neste caso os dois fabricos resultem ter quase o mesmo número de fragmentos (8 calenos e 9 de pasta cinzenta). As taças de pasta cinzenta estão representadas pela categoria funcional de “taça” e pela forma Lamb. 28/ F. 2653 de Morel. Detetou-se também um fundo de prato classificável como Lamb. 7. As cerâmicas calenas encontram-se representadas por um fundo de taça Lamb. 1 e pelos pratos Lamb. 5 e 5/7.

Como referimos, a fase 3 têm o maior número de contextos escavados e consequentemente o maior número de fragmentos (107). Em relação às outras fases, proporciona uma maior variedade formal, sendo de destacar além das formas anteriormente descritas de produção em pasta cinzenta (“taça”, Lamb. 28/ F. 2653) e calena (Lamb. 1, 2, 3, 5, 5/7, 28/ F. 2653) também os pratos Lamb. 7 atestados quer em produção calena como de pasta cinzenta.

NMI	Pasta cinzenta			Verniz negro de Cales		
	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 1	Fase 2	Fase 3
“taça”	1	1	1	0	0	3
Lamb. 28	0	2	8	1	0	0
Lamb. 28 simil	0	0	1	ausente		
Lamb. 7	0	0	3	0	1	8
Lamb. 7 / Consp. B. 1. 6 ⁵	0	1	4	ausente		
Lamb. 1	ausente			2	1	6
Lamb. 2	ausente			0	0	2
Lamb. 3	ausente			2	0	1
Lamb. 5/7	ausente			0	1	5
Lamb. 5	ausente			0	1	3
TOT por fases	1	4	17	5	4	28
TOTAL	22			37		

Figura 18
Tabela NMI: Presença/
ausência de formas
por fabrico.

4.2.3 Análise das categorias funcionais

Um dos elementos que sobressai da análise do conjunto da Fase 1 é a completa ausência de pratos que por sua vez aparecem na fase seguinte. Esta circunstância de difícil interpretação tem que ser matizada pela diminuta área escavada correspondendo a esta fase.

Por outro lado os dados da Fase 2 revelam uma composição já algo distinta onde esta morfologia formal concretiza-se nas formas Lamb. 7 de pasta cinzenta e Lamb. 5 e 7 de verniz negro de Cales.

A *facies* cerâmica da Fase 3 pode ser considerada paradigmática pela quantidade de materiais exumados. O serviço de mesa compõe-se por 42 indivíduos dos quais 22 são pratos e 21 taças. O substancial equilíbrio entre estas tipologias funcionais (embora a nível de fabricos encontramos uma relação de 1 a 1 para as taças e de 1 a 2 para os pratos a favor

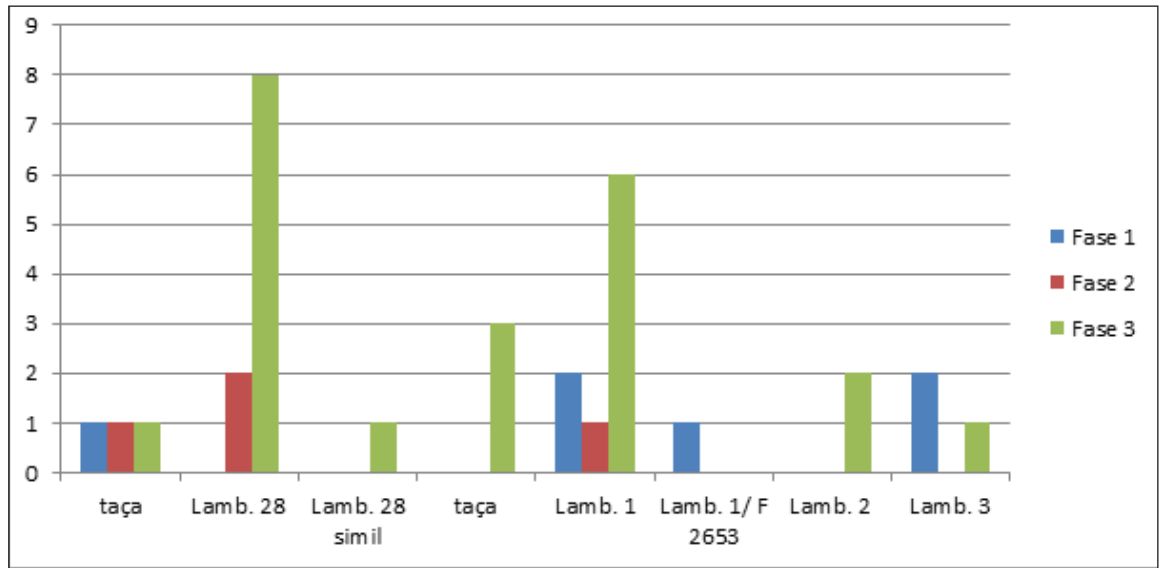


Figura 19
Gráfico NMI das taças por fases. As primeiras três formas pertencem à produção em pasta cinzenta enquanto as restantes pertencem ao fabrico caleno.

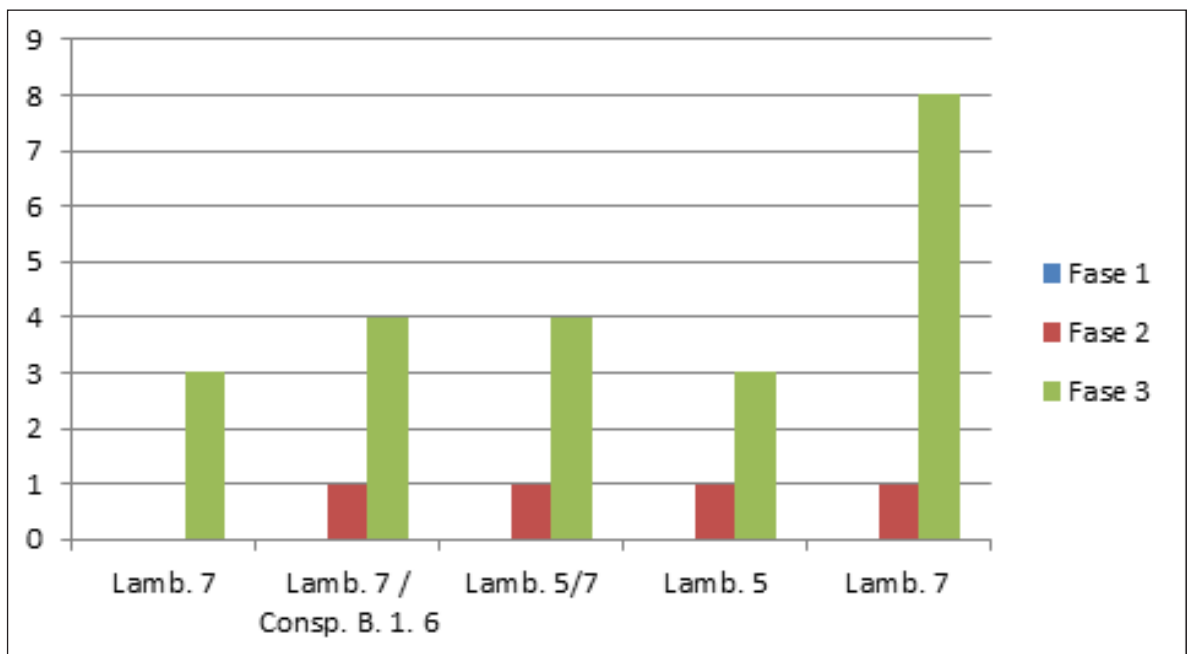


Figura 20
Gráfico NMI dos pratos por fases. As primeiras duas formas pertencem à produção em pasta cinzenta enquanto as restantes pertencem ao fabrico caleno.

da produção calena) remete para uma prática convivial que se caracterizava pelo consumo indiscriminado de alimentos líquidos, semilíquidos e sólidos.

A ausência de formas típicas do repertório caleno tardio como a urna Lamb. 10 e o “suporte” Lamb. 4, assim como a escassa presença da *pyxides* Lamb. 2 e 3 é também indicativa do tipo de comensalidade que era praticada no sítio em questão.

Além das considerações sobre a funcionalidade destas formas, deve-se sublinhar um outro aspeto do quotidiano que é a reparação dum recipiente de produção calena através dum gato metálico (fig. 15, n.º 6). Esta ação pode interpretar-se pelo interesse do proprietário em continuar a utilizar um objeto, que não seria de fácil acesso não pela sua valência mas pelo seu valor intrínseco. Em geral, a prática de reparação de artefatos cerâmicos não parece ser conectada à qualidade do objeto em si (Peña 2007, 249), sendo frequentes reparações de cerâmicas em verniz negro ou vermelho assim como de cerâmica comum (Fabião 1998). Contudo no já extenso conjunto de cerâmicas exumadas em Monte dos Castelinhos este é caso único.

4.2 Análise cronológica

Começando com a análise da cerâmica de verniz negro de Cales, o conjunto de formas remete para a fase tardia da produção da colônia latina (Pedroni 2001; Principal – Ribera 2013), balizada entre o 90/80 e 40/20 a.C.. A isto deve-se acrescentar a total ausência de cerâmicas de verniz negro de Nápoles, (Campaniense A), que pode ser considerada como um fator cronologicamente significativo: o período final da sua produção é geralmente estabelecido nos meados do séc. I a.C.. Contudo não se pretende assentar a análise cronológica do presente conjunto sobre este dado, pois os diferentes fatores que determinaram a distribuição dos manufatos napolitanos para o sítio de Monte dos Castelinhos podem fugir de considerações de ordem cronológico.

Um ponto importante para afinar a cronologia do conjunto é a presença de produtos de pasta cinzenta imitando os protótipos em verniz negro itálico. Ao reconhecimento destes artefactos foi atribuído um valor cronológico que se expressa nas características morfológicas intrínsecas a este tipo de produção.

As formas em verniz negro caleno presentes em Monte dos Castelinhos e amplamente distribuídas no Mediterrâneo ocidental a partir do terceiro quartel do séc. II a.C. são as taças Lamb. 1, os pratos Lamb. 5 e as *pyxides* Lamb. 3⁶, por sua vez a taça Lamb. 28 / F. 2653 parece ser particularmente presente em contextos do séc. I a.C.. O prato Lamb. 7 foi um dos elementos utilizados para restringir à *facies* tardia de produção calena a cronologia do conjunto em exame (Ribera, 2006). A reforçar esta constatação está a presença da decoração imprimida em “losango”, típica desta fase produtiva dos ateliers calenos (Pedroni 2000, 349-350 e 2001, 193), reconhecida nos fundos duma taça L.2 e dum prato L. 5/7 (fig. 17, n.º 20, 23 e 28).

O repertório formal dos grupos de pasta cinzenta imitando o verniz negro itálico é limitado a poucas formas: o prato Lamb. 7 e a taça Lamb. 28, além de taças cuja morfologia não foi possível determinar através das tipologias aqui utilizadas. O conceito mesmo de imitação tem implicações cronológicas concretas que se expressam numa “posterioridade” ou pelo menos numa “contemporaneidade” de produção das imitações respeito aos modelos de referência. Portanto se o prato Lamb. 7 de produção calena é típico do segundo quartel do séc. I a.C., deve-se admitir uma cronologia alta da sua imitação a partir desta datação. Pode-se portanto aplicar o mesmo raciocínio com os mesmos resultados para a taça Lamb. 28.

Partindo destes dados, procedeu-se ao estabelecimento duma grelha na qual as formas até aqui mencionadas marquem cronologicamente o faseamento urbanístico tardo republicano proposto para o sítio de Monte dos Castelinhos.

Fase	Datação	Formas	UEs
1	90/80-50 a.C.	Cales: Lamb. 1, 3, 28/F 2653. Pasta cinzenta: “taça”.	[88], [123], [131], [134], [143], [144], [173].
2	70-40 a.C.	Cales: Lamb. 1, 5/7, 5, 7. Pasta cinzenta: Lamb. 7, 28, “taça”.	[52], [56], [128], [217], [280].
3	60-30/25 a.C.	Cales: Lamb. 1, 2, 3, 5, 5/7, 7, “taça”. Pasta cinzenta: Lamb. 7, 28, “taça”.	[17], [18], [23], [25], [28], [34], [37], [39], [45], [66], [73], [74], [86], [99], [153], [187], [204], [206], [219], [273], [282], [285].

Figura 21
Datação das fases
através o verniz negro
caleno e as produções
em pasta cinzenta

Resumindo:

-a Fase 1 baseia a sua cronologia alta no início da fase tardia da produção calena e a sua cronologia baixa é marcada pela ausência do prato Lamb. 7 caleno. A presença de alguns fragmentos de cerâmicas a pasta cinzenta fez com que se prolongasse até ao 50 a. C. a sua cronologia baixa.

-a Fase 2, sendo uma fase de transição e apresentando similitudes com os conjuntos da Fase 1 e 3, sobrepõe-se cronologicamente às outras.

- a Fase 3, apresenta um conjunto de materiais similar ao das fases anteriores embora agora apareça abundantemente o prato Lamb. 7; a sua cronologia baixa pode ser estabelecida por volta do período 30-25 a.C. pela ausência de terra sigillata itálica. É indicativa também a presença da decoração em losango no fundo de duas *pyxides* Lamb. 2 e dum prato Lamb. 5/7. Situação similar acontece num contexto do castelo de Castro Marim datado entre 50 e 30 a.C. (Viegas 2011, 425)⁷.

5. Distribuição espacial

A dispersão de fragmentos de verniz negro itálico e de produções em pasta cinzenta é frequente nos vários compartimentos postos à luz. Contudo há algumas zonas em que a concentração é maior: o conjunto de materiais identificados nestes espaços pode ajudar na interpretação da funcionalidade do mesmo⁸. Também a ausência é um dado a ter em conta sendo interpretável mais como um ulterior indício da funcionalidade específica dum espaço do que em termos cronológicos (Carvalho- Morais 2010, 142).

Na Sondagem 4, os ambientes que tem um relevante número de fragmentos são o N.º 2, 5, 6, 10, 11, 12, 24, 25, correspondendo a uma variável entre 10 e 33 fragmentos.

Focando na fase 3, ou seja aquela com maior número de contextos escavados, os ambientes

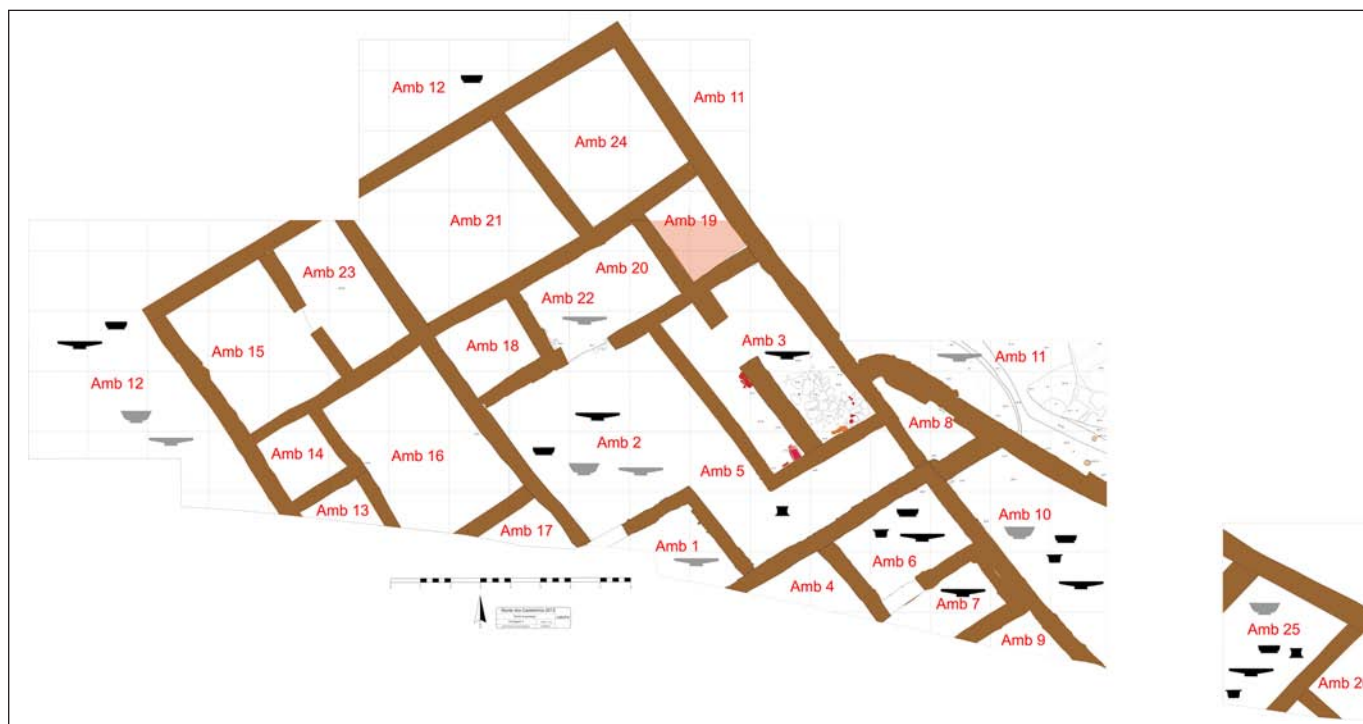


Figura 22
Mapa de distribuição das cerâmicas de verniz negro caleno e das Imitações de pasta cinzenta na Sondagem 4 relativa à fase 3.

2, 6, 12 e 25 são aqueles com a maior presença de fragmentos (> 9) e consequentemente aqueles que oferecem uma imagem melhor da composição dos serviços finos de mesa.

A nível qualitativo, encontramos a presença no ambiente 2 de um prato Lamb. 7 de pasta cinzenta, duas taças Lamb. 28 de pasta cinzenta, um prato Lamb. 5 caleno, dois pratos Lamb. 5/7 calenos e uma provável taça Lamb. 1 calena. No ambiente 6 encontraram-se duas taças Lamb. 1 calenas, uma taça Lamb. 2 calena com decoração em losango, um prato Lamb. 5/7 caleno e duas “taças” em pasta cinzenta. A composição do serviço de mesa do ambiente 12 aproxima-se ao do ambiente 2 por apresentar formas de pratos e taças quer em pasta cinzenta quer no fabrico caleno. A composição formal do ambiente 25 é similar ao do ambiente 6, sendo ausente também neste caso formas de prato em pasta cinzenta. Na Sondagem 5, os ambientes que proporcionaram um número de fragmentos considerável são o N.º 31, 32 e 33 (respectivamente, 34, 36 e 19 fragmentos).

Os fragmentos em contextos de fase 3 surgem maioritariamente no ambiente 32 (17 frag.) com uma associação entre três taças calenas (duas Lamb. 1 e uma “taça”), quatro pratos Lamb. 7 calenos, um prato Lamb. 5/7 caleno. As produções em pasta cinzenta estão também presentes com dois fundos. Nos compartimentos 33-34, a composição do serviço de mesa é composto por uma taça Lamb. 1 calena, três taças Lamb. 28 em pasta cinzenta, um prato Lamb. 5/7 caleno e um prato Lamb. 7 caleno. No compartimento 35 encontram-se as mesmas formas apenas descritas mas sem a taça Lamb. 28 em pasta cinzenta.

6. Paralelos morfológicos

Tendo em conta a caracterização do conjunto em estudo, é importante ter presente, outras estações geograficamente próximas que embora tenham contextos de exumação diferentes, apresentem associações formais parecidos ao que acabamos de descrever.

Portanto é preciso ter em conta que não se pretende proceder a uma comparação em termos contextuais pois as variáveis a considerar não cabem no presente estudo. Com isto, pretende-se inserir o conjunto de Monte dos Castelinhos num mais amplo panorama



Figura 23
Mapa de distribuição das cerâmicas de verniz negro caleno e das imitações de pasta cinzenta na Sondagem 5 relativa à fase 3.

distributivo através da escolha de contextos que proporcionem dados sobre a composição qualitativa dos próprios conjuntos assim como sobre as propostas cronológicas.

O conjunto de verniz negro itálico presente no sítio de Lomba do Canho (Arganil) é constituído pelas formas Lamb. 1, 3, 5/7, 7 de provável origem caleno (Fabião e Guerra, 1996). A ocupação e o abandono do sítio foram estabelecidos no segundo e terceiro quartel do séc. I a.C. (Fabião 2007, 124), resultado do cruzamento das informações cronológicas retiradas do conjunto de verniz negro itálico assim como de outros objetos arqueológicos. Neste caso foi considerada a ausência de terra sigillata como marcador cronológico para o abandono do sítio (Ibid., 126).

No povoado do Pedrão (Setúbal) foram identificadas (Soares e Silva 1973) formas em verniz negro itálico⁹ correspondentes a Lamb. 1, 2, 3, 5¹⁰, a maioria das quais em níveis superficiais (camada 1 do compartimento 7). Os fragmentos em contexto de finais do séc. II-I a.C. (camada 3 do compartimento 1)¹¹ se resumem a três fragmentos de pratos Lamb. 5; destaca-se também a presença dum fragmento inclassificável de pasta cinzento-amarelada clara (5Y 6/1) com engobe que pensamos possa tratar-se dum produto imitante os vernizes negros itálicos. Também neste caso a ausência de terra sigillata foi interpretada como “dado negativo importante para a determinação do limite inferior da cronologia” (Soares e Silva 1973, 279), tendo sítio proposto uma cronologia de ocupação circunscrita no tempo e centrada em 50 a.C. (Silva e Soares, 1986, 141).

A norte de Monte dos Castelinhos, encontramos o conjunto de verniz negro proveniente da Alcáçova de Santarém (Soría 2013) próximo em termos de composição e cronologia. A esmagadora presença de cerâmica a verniz negro de Cales (74% do total dos indivíduos de verniz negro) concretiza-se em formas atribuíveis ao repertório tardio: Lamb. 1, 2, 3, 4, 5, 5/7 e 7. Assinalável é a presença sobre fundos de pratos Lamb. 5/7 da decoração estampilhada em losango. Além disto, é significativa a presença dum conjunto de cerâmicas em pasta cinzenta imitando protótipos itálicos em verniz vermelho (Soría, no prelo). Embora não seja abundante do ponto de vista percentual (11% do total dos indivíduos de verniz negro), é bastante significativo do ponto de vista morfológico: foram reconhecidas

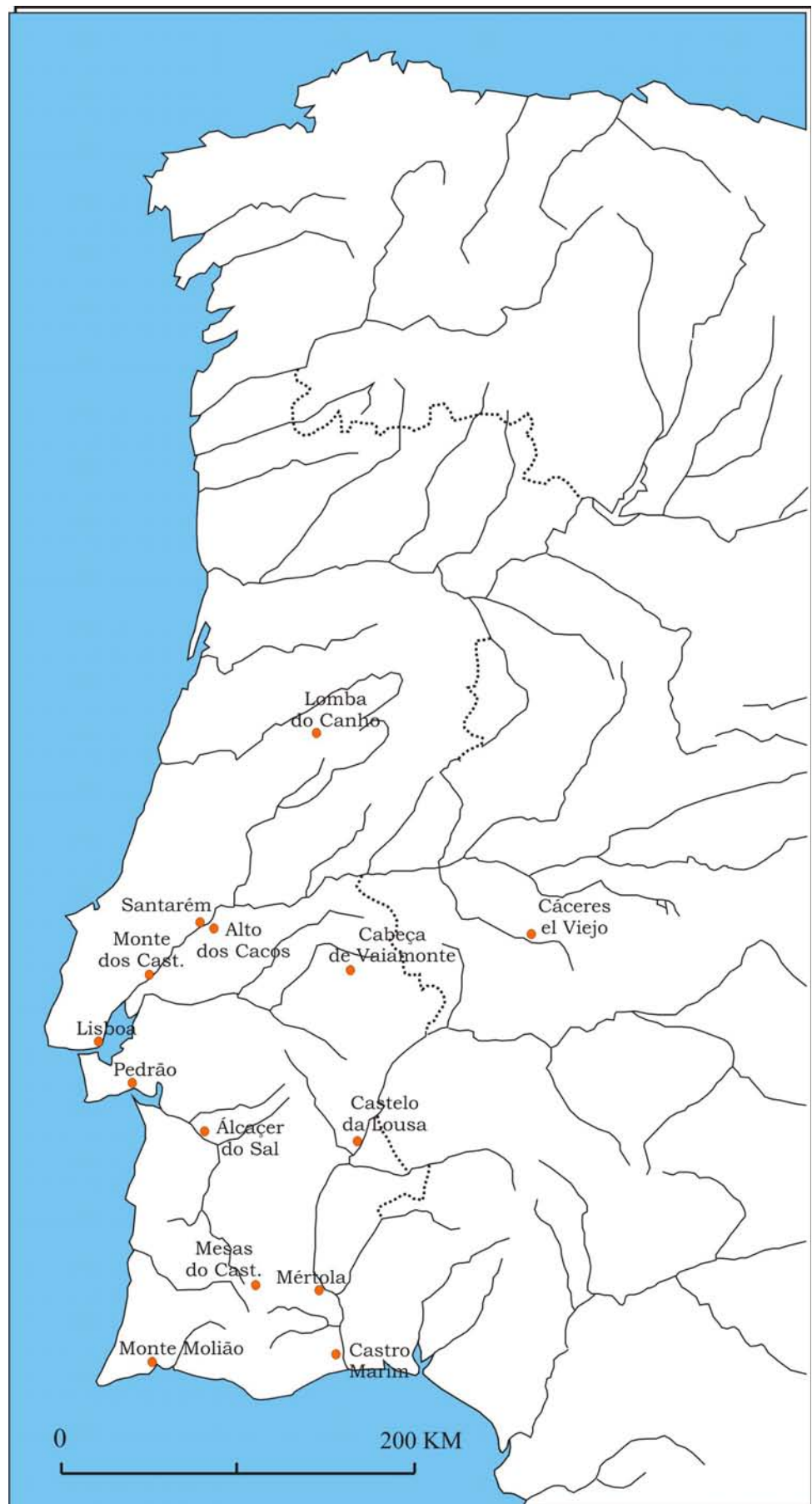


Figura 24
Mapa do território português com a localização dos principais sítios mencionados no texto

formas que imitem as taças Lamb. 1, 2, 28 e 27 assim como os pratos Lamb. 5, 6 e 7. Foram também identificadas cerâmicas de verniz negro napolitano e etrusco.

No sítio de Alto dos Cacos (Almeirim) (Pimenta, Henriques, Mendes 2012), documentou-se a presença de cerâmicas de verniz negro caleno nas formas das taças Lamb. 1 e 2 e dos pratos Lamb. 7. Embora o reduzido conjunto seja fruto de recolhas de superfície antigas e mais recentes, é um indubitável indício da utilização do local em meados do séc. I a.C.. No conjunto de vernizes negros itálicos de Cabeça de Vaiamonte (Monforte) sobressaem as produções calenas com as formas Lamb. 1, 2, 3, 4, 5, 5/7, 7, Pasquinucci 127 (Fabião 1998). Contudo merece atenção o conjunto de produções que imitam os protótipos itálicos: foram exumados maioritariamente pratos Lamb. 7 e taças Lamb. 2 em fabricos que diferem completamente dos de Monte dos Castelinhos. Referimos também a presença de uma imitação de taça Lamb. 1 e de outras duas taças que reproduzem formas típicas dos protótipos napolitanos de verniz negro, nomeadamente Morel 68/ F 3131 e Lamb. 31. Também o repertório formal do conjunto de verniz negro itálico de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984) tem afinidades com o de Monte de Castelinhos. As formas ali encontradas remetem para o repertório produtivo tardio caleno, nomeadamente Lamb. 1, 2, 3, 4, 5, 7¹². Também são presentes formas em pasta cinzenta (Lamb. 2 e 5/7), neste caso aparentemente sem vestígios de qualquer revestimento. Apesar do debate sobre a identificação do sítio como *castra Caecilia*, *Servilia* ou *Liciniana*, o repertório formal remete para um horizonte cronológico que abrange os primeiros três quartos do séc. I a.C. não sendo descartável que períodos de ocupação do sítio poderiam abranger os finais do II a.C. assim como o último quartel do séc. I a.C..

No castelo da Lousa (Mourão), o conjunto de vernizes negros itálicos é composto principalmente pelo fabrico caleno¹³ sendo que as formas ali exumadas enquadram-se na variante tardia. Foram identificadas as formas Lamb. 1, 2, 3, 5, 7, uma suposta Lamb. 10 e uma Pasquinucci 127 de perfil completo. Esta última é de particular interesse porque não é frequente no território português nem como produção etrusca nem calena. Contudo a atribuição a uma ou outra área produtiva tem implicações de ordem cronológica, sendo que a distribuição do artefacto está ligada a fatores que nem sempre asseguravam a contemporaneidade em contextos de exumação. Foi também reconhecido um prato Lamb. 5/7 de verniz negro napolitano, forma tardia desta produção que não surpreende no seio do conjunto caleno apenas descrito.

O estudo das imitações de verniz negro itálico seguiu uma ordenação que tinha como elemento discriminador a qualidade das pastas, a presença/ausência de revestimento assim como a reelaboração de pormenores formais descritos pelo Lamboglia ou Morel. Com estes critérios foram definidos duas classes uma pertencente aos vernizes negros itálicos (nas quais se enquadram os trabalhos da Delgado (1971) e Luís (2010)) e outra às cerâmicas comuns, estas últimas ulteriormente divididas em regionais e não regionais (Vaz Pinto-Schmitt 2010). Os indivíduos com revestimento documentados por Luís Luís, são Lamb. 2 e 5/7. Para as imitações estudadas no âmbito da cerâmica comum as formas regionais são: Lamb. 1, 2, 5/7, várias tigelas entre as quais a Lamb. 28, e entre as não regionais encontramos as formas Lamb. 1, 2, 5/7.

Não obstante a escassez de materiais datáveis e os problemas de leitura das realidades urbanísticas, o período de construção do castelo da Lousa foi avançado ser no terceiro quartel do séc. I a.C. e o abandono nos finais do reinado de Augusto (Alarcão et al. 2010, 109-110). A presença de terra sigillata e não só (por exemplo o fragmento de ânfora lusitana inserida no forno) proporcionou o *terminus post quem* nos contextos de exumação. A ausência de

terra sigillata em alguns sectores foi considerada como um indicador de ordem funcional mais do que propriamente cronológico (Ibid., 104).

Como já referimos acima, foi reconhecido um contexto de 50- 30 a.C. no castelo de Castro Marim cuja composição o aproxima aos de Monte dos Castelinhos. No seio das diferentes produções em verniz negro itálico, destaca-se o repertório caleno pela quantidade de bordos identificados (83% do total dos vernizes negros e imitações em pasta cinzenta). Foram reconhecidas com segurança as formas Lamb. 1, 2, 3, 4, 5, 5/7, 7; o repertório das produções em pasta cinzenta é composto pelas formas Lamb. 1, 7, 28 e por taças. Importa também referir que este contexto é caracterizado pela total ausência de terra sigillata (Viegas 2011, 438) que delimita a sua cronologia baixa.

Não podemos deixar de mencionar outros três relevantes conjuntos de cerâmicas de verniz negro itálico estudados no território português durante os últimos anos, nomeadamente o de Mértola, Mesas do Castelinho (Almôdovar) e Monte Molião (Lagos). Embora apresentem problemáticas diferentes face ao exposto até agora, afigurem-se como ulteriores testemunhos da complexidade em termos socioeconómicos que nos proporciona a chegada desta classe de artefactos até o extremo Ocidente peninsular (Luís, 2003; Alves, 2011; Dias, 2011).

7. Considerações finais:

Neste panorama de investigação, o sítio de Monte dos Castelinhos reveste um fundamental papel: a sua sequência estratigráfica bem fechada que permitiu a determinação de fase cronológicas distintas junto com a presença dum número notável de materiais datáveis faz com que se torne num ponto de referência para os estudos do período tardo republicano na parte ocidental da península ibérica.

O conjunto de cerâmicas de verniz negro itálico e as produções em pasta cinzenta são uns dos indicadores que nos ajudam na compreensão das dinâmicas internas ao sítio. A composição do conjunto analisado revela peculiaridades que é importante não subestimar. Não obstante todos os problemas de ordem quantitativa que se geram quando se está em presença de realidades parciais como as arqueológicas, podemos afirmar que o serviço fino de mesa é integrado por produções calenas e produções em pasta cinzenta quase em iguais medidas. Tudo isto tem implicações de ordem cultural e até económicas relevantes e faz com que esta coleção cerâmica se torne numa medida de comparação imprescindível no âmbito destes estudos.

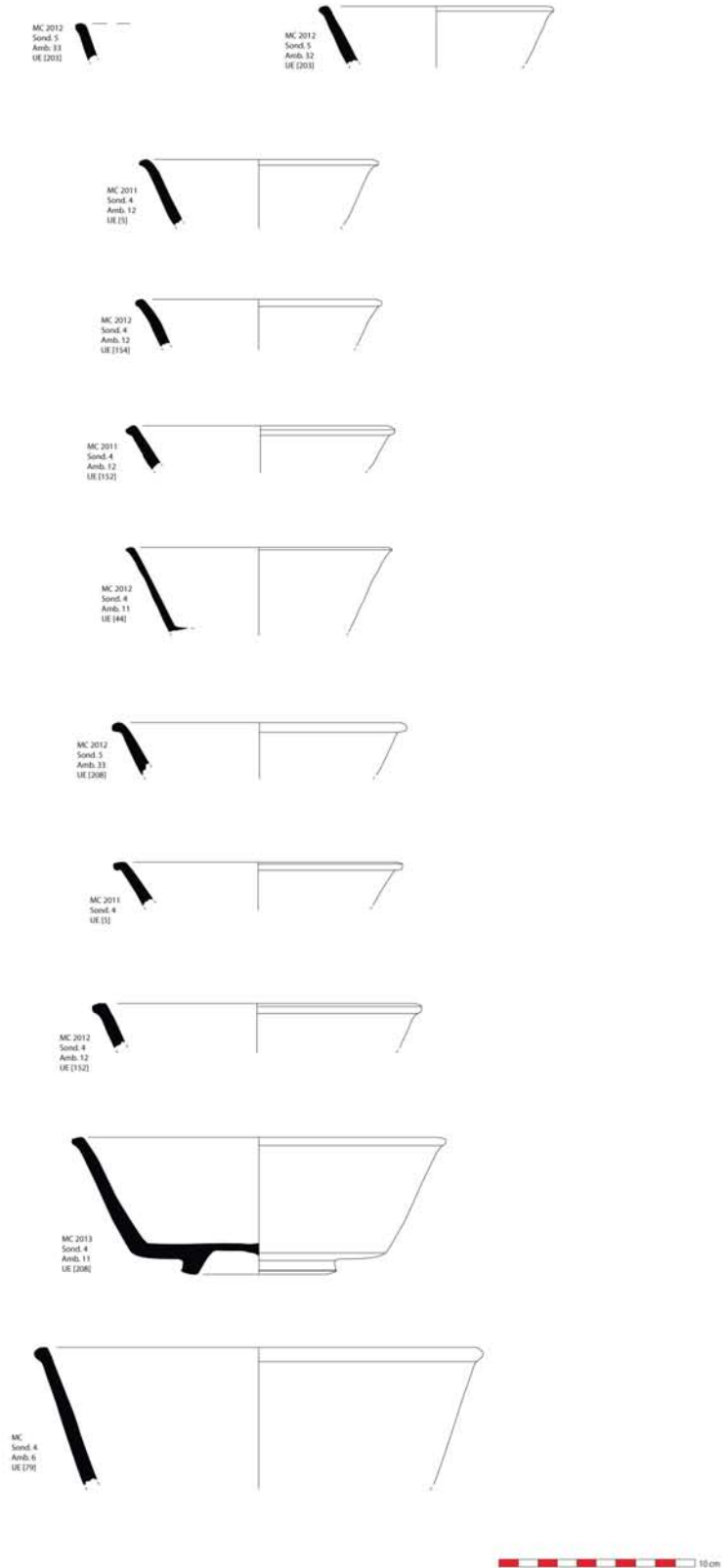


Figura 25
 Cerâmicas em pasta cinzenta identificados fora de contexto primário: taças Lamb. 28.

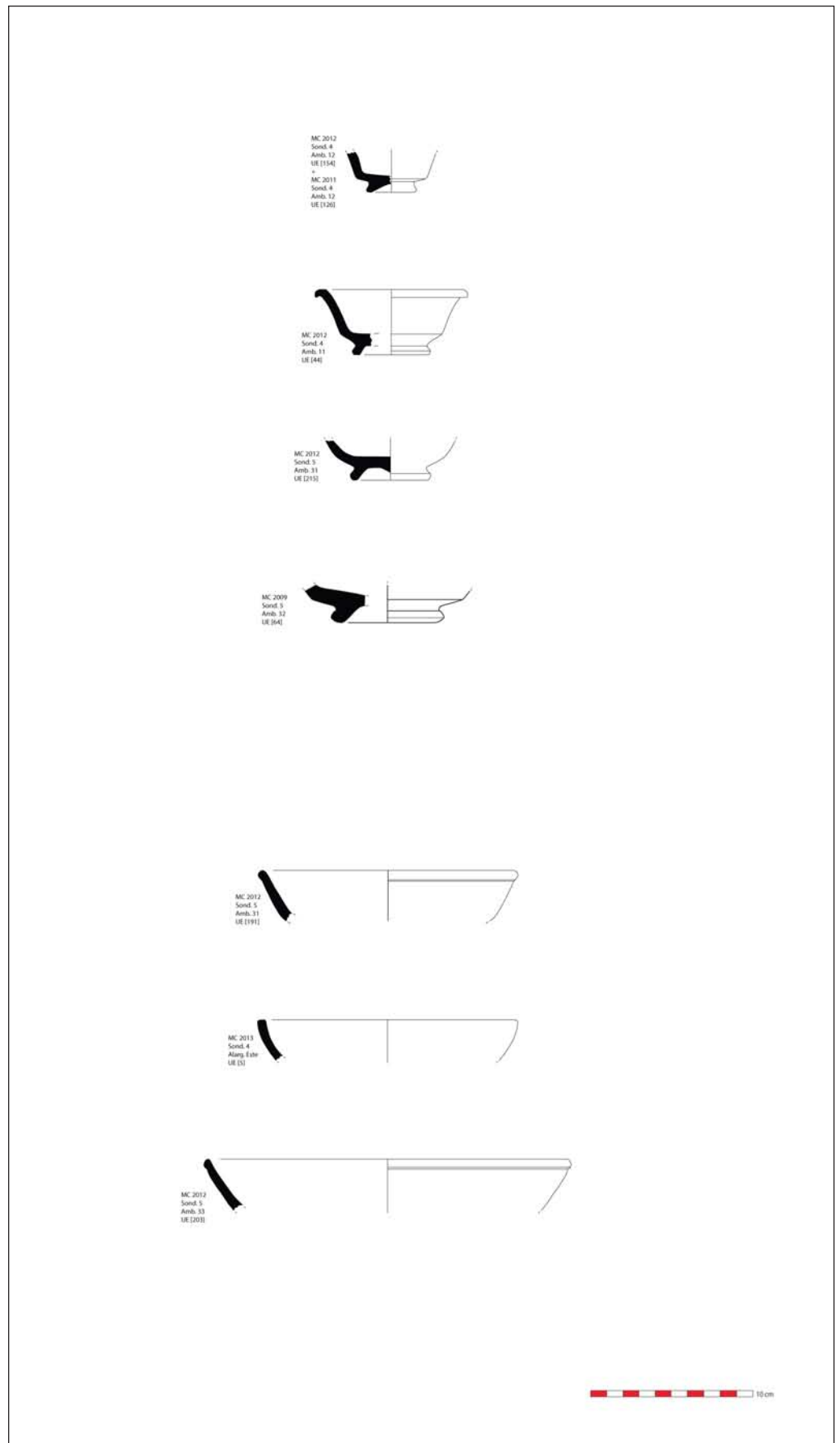


Figura 26
 Cerâmicas em pasta cinzenta identificados fora de contexto primário: taças Lamb. 2 e outras taças.

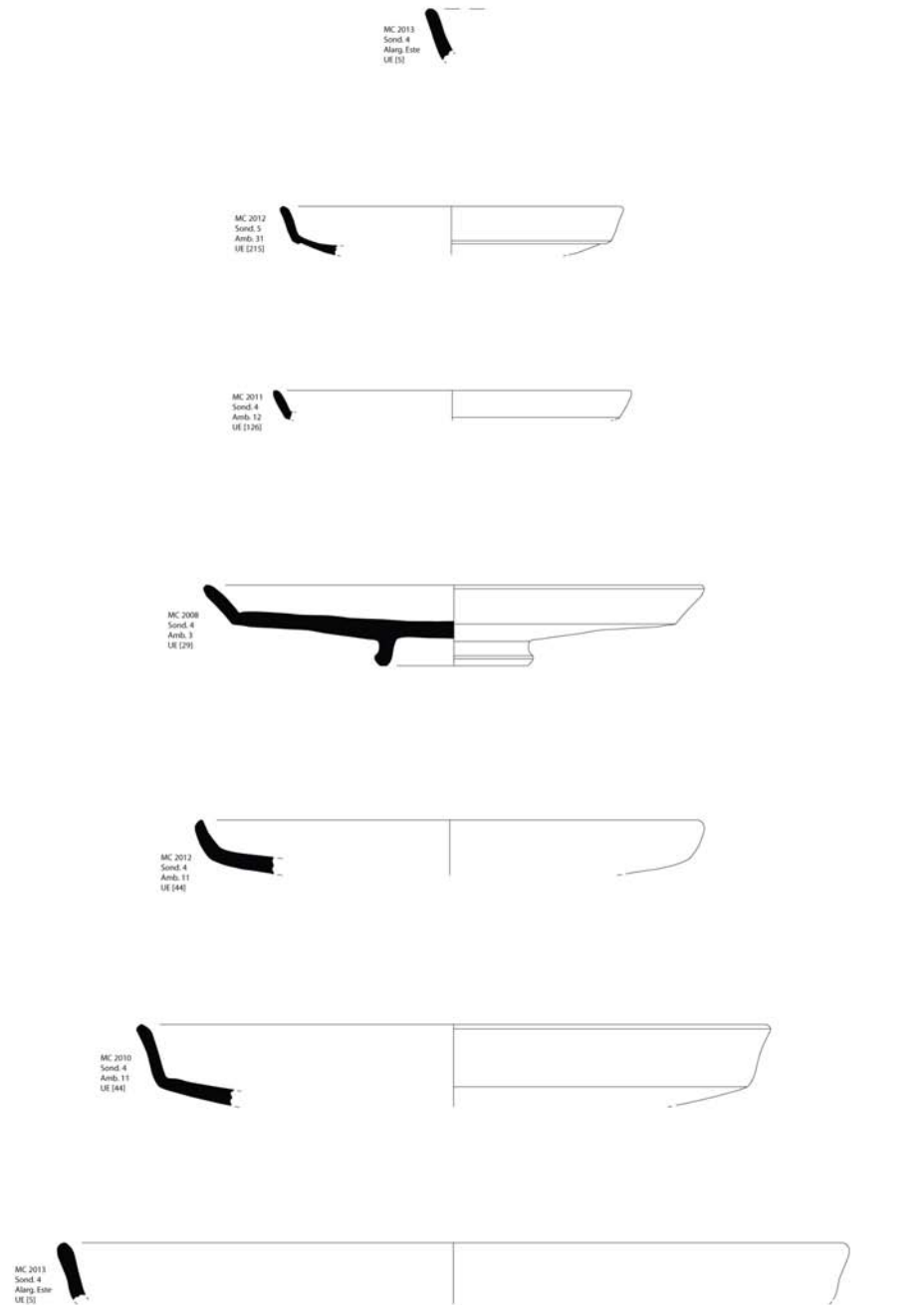


Figura 27
Cerâmicas em pasta
cinzenta identificados
fora de contexto
primário: pratos Lamb.
7.

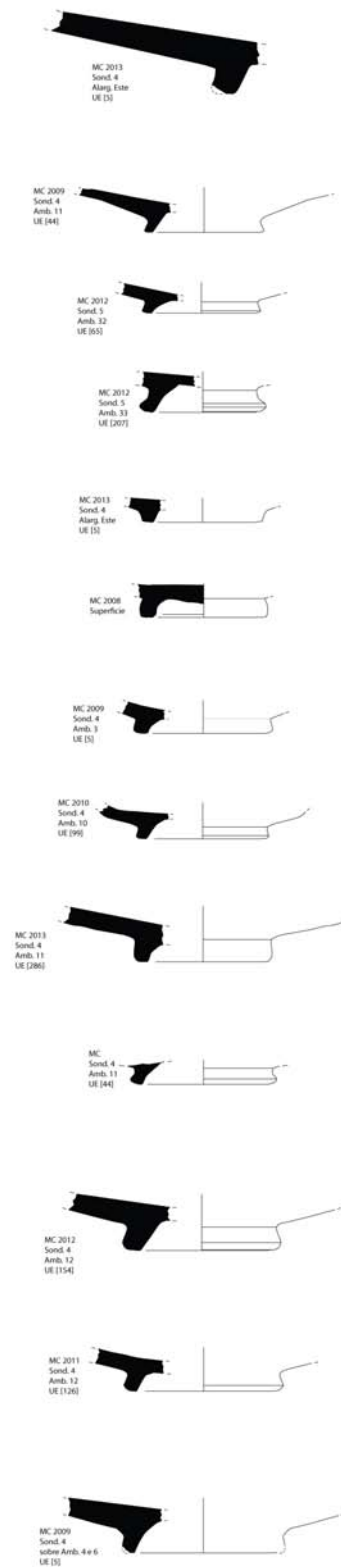


Figura 28
 Cerâmicas em pasta
 cinzenta identificados
 fora de contexto
 primário: fundos.



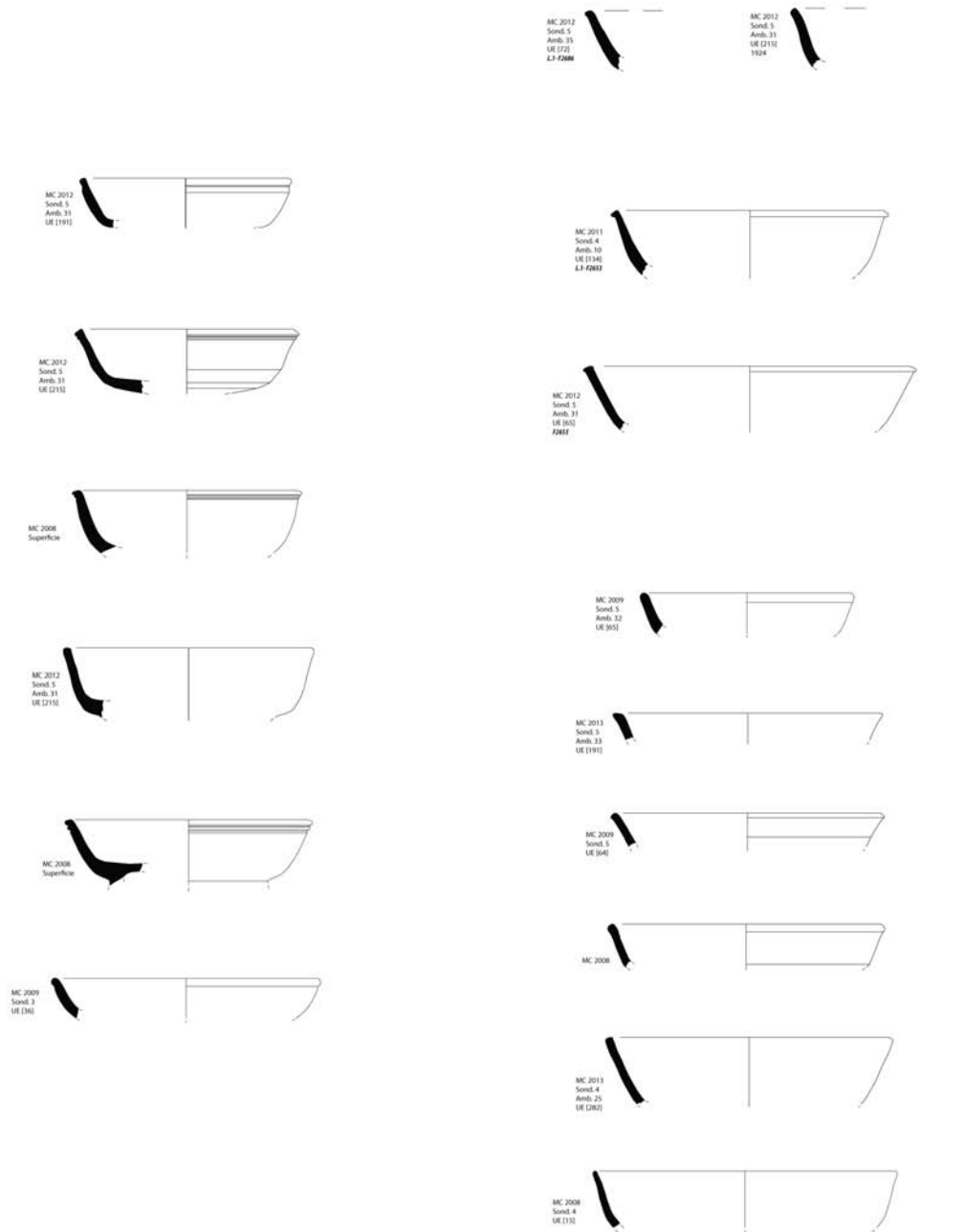


Figura 29
 Cerâmicas de verniz negro caleno fora de contexto: taças Lamb. 1 e outras taças.

10 cm

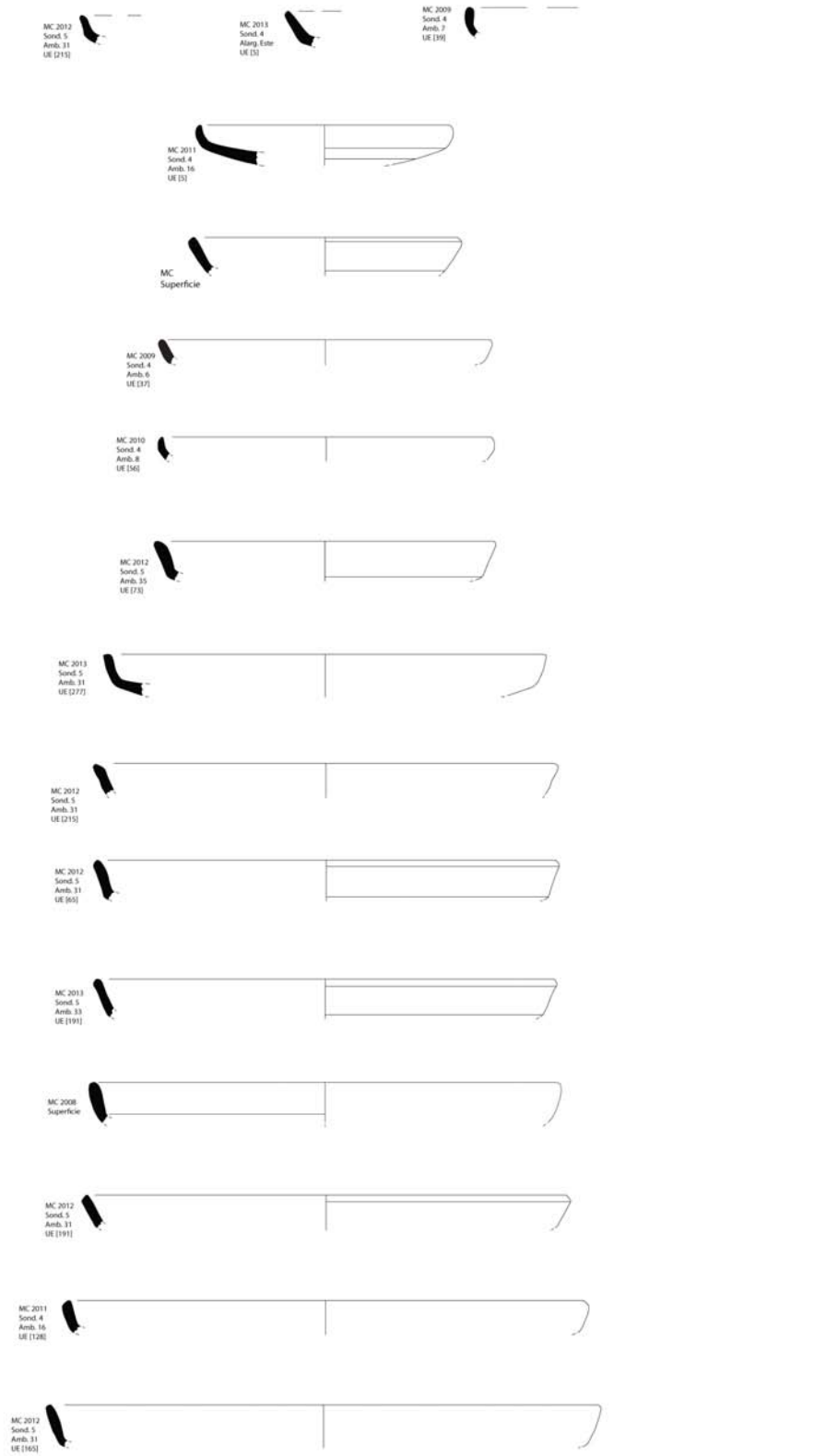


Figura 30
Cerâmicas de verniz
negro caleno fora
de contexto: pratos
Lamb. 5 e Lamb. 7.

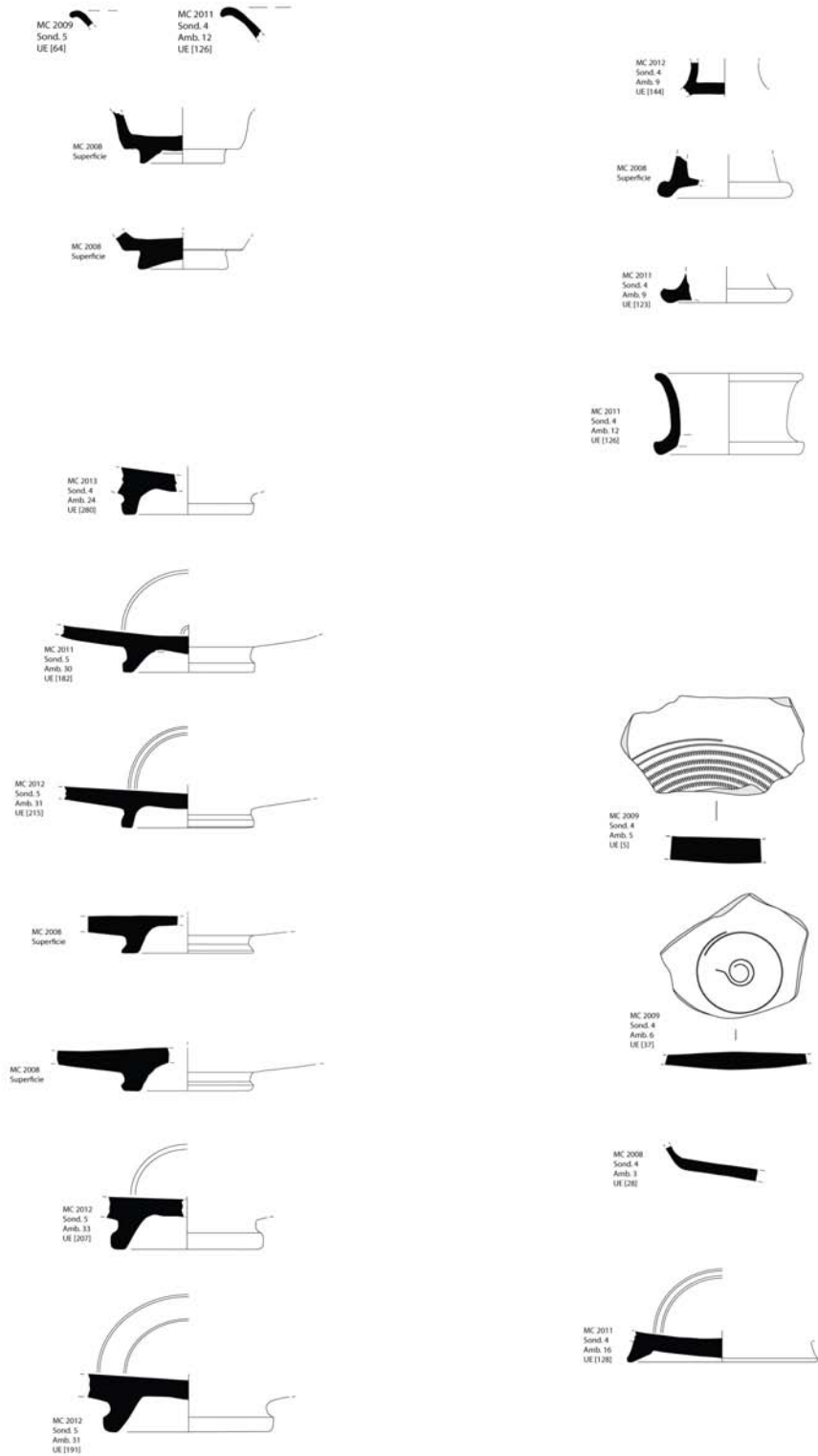


Figura 31
Cerâmicas de verniz
negro caleno fora de
contexto: Lamb. 2,
Lamb. 3 e fundos com
decorações.

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, C. (2011)** – A Cerâmica Campaniense em Mesas do Castelinho. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Volumes, 115, 161 p. Dissertação de Mestrado. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2994>
- ALARCÃO, J.; CARVALHO, P.C.; GONÇALVES, A. (2010)** – *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002. STUDIA LUSITANA 5*. Museu Nacional de Arte Romana. Mérida.
- ALMEIDA, R. R. (2008)** – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Collecció Instrumenta. 28. Barcelona. Publicacions Universitat de Barcelona.
- CALADO, M.; DEUS, M.; MATALOTO, R. (2000)** – O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar. *Revista de Guimarães – volume especial. Actas do Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. Vol. II, pp. 759-774.
- CARVALHO, P.; MORAIS, R. (2010)** – Terra sigillata de tipo itálico. *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002, STUDIA LUSITANA 5*. Museu Nacional de Arte Romana. Mérida, pp. 139-152.
- CONSPECTUS= ETTLINGER, E. et al (2002)**: *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*, Dr. Rudolf Habelt GmbH, Bonn (Materialen zur romischgermanischen Keramik, Heft 10).
- DIAS, V. (2011)** – A Cerâmica campaniense de Monte Molião, Lagos. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Volumes, Dissertação de Mestrado. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3020>
- DELGADO, M. (1971)** – Cerâmica campaniense em Portugal, em *Actas do II congresso Nacional de Arqueologia, vol. II*. Coimbra, pp. 403-420.
- FABIÃO, C. (1998)** – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FABIÃO, C. (1992)** – A romanização do actual território português. In *História de Portugal*. Direcção José Mattoso. Lisboa. Circulo de Leitores. Vol. I, pp. 202-299.
- FABIÃO, C. (2002)** – Mundo indígena, romanos e sociedade provincial romana: Sobre a percepção arqueológica da mudança. *Era arqueologia*. N.º 3, pp. 108-131.
- FABIÃO, C. (2004)** – El ejército romano en Portugal. In *El ejército romano en Hispania. Guia Arqueológica*. Universidad de León, pp. 113-134.
- FABIÃO, C. (2004a)** – Arqueología Militar romana da Lusitania: textos e evidencias meteriais. In *Actas Arqueología Militar Romana en Europa*. Coords César Pérez-González y Emilio Illarregui. Salamanca, pp. 53-73.
- FABIÃO, C. (2007)** – El ejército romano en Portugal. em Morillo (ed.) *El Ejército Romano en Hispania (Guía Arqueológica)*. León: Universidad de León, pp. 113-134.
- FABIÃO, C., GUERRA, A. (1996)** – A cerâmica campaniense do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil). *Ophiussa*. N.º Zero, pp. 109-131.
- GUERRA, A.; PIMENTA, J. (2013)** – Os projéteis de funda de Monte dos Castelinhos e a dispersão destes materiais no território português. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- LAMBOGLIA, N. (1952)** – Per una Classificazione preliminare della Ceramica Campana. In *Atti del I° Congresso Internazionale di Studi Liguri* (Monaco-Bordighera-Genova, 1950), pp. 139-206.
- LUÍS, L. (2003)** – *As cerâmicas campanienses de Mértola*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. Trabalhos da Arqueologia. 27.
- LUÍS, L. (2010)** – Cerâmica Campaniense. In *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002. STUDIA LUSITANA 5*. Museu Nacional de Arte Romana. Mérida, pp. 111-138.
- MARIN JORDÁ, C.; RIBERA I LACOMBA, A. (2001)** – Las ceramicas de barniz negro de Cales en Hispania (y las Galias), em *Ceramica calena a vernice nera, produzione e diffusione*. Pedroni, L., Petruzzi Editore, pp. 246-295.

- MOREL, J. P. (1981a)** – *Céramiques Campanienne. Les Formes*. 2 Vols. Rome. Ecole Française de Rome.
- MOREL, J. P. (1981b)** – La produzione della ceramica campana : aspetti economici e sociali, em Giardina, A. e Schiavone, A. *Società romana e produzione schiavistica*, Editori Laterza, pp. 81-97.
- MORILLO, A. (ed.) (2007)** – *El ejército romano en Hispania. Guia Arqueológica*. Universidad de León.
- MORILLO, A. (2008)** – Criterios arqueológicos de identificación de los campamentos en Hispania *In Actes de la table ronde internationale (Madrid, novembre de 2007) La Guerre et ses traces dans la péninsule Ibérique à l'èpoque de la conquête romaine*. *SALDVE*. N.º 8. Universidad de Zaragoza, pp. 73-93.
- NUNES, J. C.; FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1990)** – As Lucernas do acampamento militar romano da Lomba do Canho (Arganil). In *Conimbriga*. Coimbra. XXIX, pp. 69-90.
- PEDRONI, L. (2000)** – Produzione e diffusione della ceramica calena “media”: problemi e ipotesi di lavoro. In *la ceramica de vernís negre dels s. II i I a.C.: centres productors mediterranis i comercialització a la Peninsula Ibérica*, Mataró, p. 345-362.
- PEDRONI, L. (2001)** - Ceramica calena a vernice nera, produzione e diffusione. Petruzzi Editore.
- PEÑA, J. T. (2007)** - *Roman Pottery in the Archaeological Record*. New York: Cambridge University Press.
- PINTO, I. V. e MORAIS, R. (2007)** – Complemento de comércio das ânforas. Cerâmica comum Bética no território português. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad*. Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005, pp. 235-254.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. e NORTON, J. (2008)** - O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos – Vila Franca De Xira. *Al-madan*. II Série, n.º 16, pp. 26-37.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2012)** – Sobre o povoamento romano ao longo da via de *Olisipo a Scallabis*. In *Cira Arqueologia* n.º 1. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis. A rede viária romana no vale do Tejo. Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J. (2013)** – *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J. (2013a)** – A Arquitetura do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 31-42.
- PIMENTA, J. (2014)** – Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do monte dos castelinhos – Vila Franca de Xira. *Actas Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. A Olaria Romana. Seixal 17-20 de Fevereiro de 2010*. Câmara Municipal do Seixal.
- PIMENTA, J. (2013b)** – O escudo romano de Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 43-46.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2013)** – A sequência estratigráfica de Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 15-30.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2014)** – Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. Um sítio singular para o estudo da romanização do Vale do Tejo. In *Actas da II Reunião Científica As Paisagens da Romanização – Fortins e ocupação do território no séc. II a.C. – I d. C.* Anejos de Archivo Español de Arqueologia, p. 125-142.
- PIMENTA, João; HENRIQUES, Eurico; MENDES, Henrique (2012)** – *O Acampamento romano de Alto dos Cacos – Almeirim*. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- PRINCIPAL, J.; RIBERA I LACOMBA, A. (2013)** - El material más apreciado por los arqueólogos. La cerámica fina - La cerámica de barniz negro. *Manual de cerámica romana. Del mundo Helenístico al Imperio romano*. Alcalá de Henares, pp. 43- 146.
- RICCI, M. (1973)** – Per una cronologia delle lucerne tardo-repubblicaine. In *Rivista di Studi Liguri*. XXXIX. 39, pp. 168-234.

- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1986)** – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa. S.N.P.R.C.N. Coleção Parques Naturais. 15.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2012)** – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao século I a.C. In *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*, Município de Palmela, Palmela, pp. 67-87.
- SILVA, R. B. (2012)** – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em Arqueologia, orientada pela Prof.ª Dr.ª Rosa Varela Gomes, apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1973)** - Ocupação do período Proto-Romano do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. Vol. 1, pp. 245-305.
- SORÍA, V. (2013)** - A cerâmica de mesa em época tardo republicana em *Scallabis*: o contributo da campaniense. In *Actas do II Congresso Internacional da SECAH*, Cádiz 2011, 249-269.
- SORÍA, V. (no prelo)** A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/ protoimperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém, in *Actas do II Congresso Internacional da SECAH*, Braga 2013.
- ULBERT, G. (1984)** – *Caceres el viejo. Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Estremadura*. *Madridrer Beitrage*. 11. Mainz-am-Rhein.
- VAZ PINTO, I.; SCHMITT, A. (2010)** – Cerâmica comum, em *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. *STUDIA LUSITANA* 5. Museu Nacional de Arte Romana. Mérida, pp.219- 444.
- VIEGAS, C. (2011)** – *A Ocupação Romana do Algarve. Estudo do Povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa Uniarq. Lisboa.

NOTAS

- ¹ Museu Municipal Vila Franca de Xira/UNIARQ
- ² Bolseiro FCT/ UNIARQ
- ³ Museu Municipal Vila Franca de Xira
- ⁴ Daqui em frente referir-se-á a esta produção baseando a terminologia sobre as suas características de fabrico (“pasta cinzenta”) porque o seu ou os seus centros de produção são alvo de debate e análise.
- ⁵ Manteve-se a dupla designação por tratar-se de fragmentos de fundo cuja classificação enquadra-se na tipologia do Lamboglia (1952) e do Conspectus (2002).
- ⁶ No Mediterrâneo Ocidental encontra-se esta forma já a partir da primeira metade do séc. II a.C.. Marin Jordá - Ribera 2001.
- ⁷ Embora a qui o fundo esteja classificado como Lamb. 5.
- ⁸ A título de exemplo veja-se o trabalho de Childe, V G 1931 Skara Brae; a Pictish Village in Orkney London.
- ⁹ Considerando a descrição das pastas pensamos que o conjunto possa ser atribuído á produção calena.
- ¹⁰ Fabião (1996, 119) faz referencia também a uma L. 4, não mencionada no artigo de 1973 de Soares e Silva.
- ¹¹ Período também referido como “próto-romano”, *ibid.*, 278.
- ¹² O Ulbert (1984, figg. 533-534) assinala a presença de dois bordes de prato L. 36 em verniz negro napolitano que não considera determinantes do ponto de vista cronológico.
- ¹³ Luis 2010. O autor não explicita o centro produtor mas pela descrição que faz, do Tipo 2, foi possível identificar este com as produções da colónia Latina de Cales.